

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Adeilza Ferreira da Silva Gonçalves
Cleonice Paula Santiago de Oliveira
Edvânia Lopes dos Santos Oliveira

**HISTÓRIAS, LUTAS E DESAFIOS DA PRIMEIRA ESCOLA E DOS
PRIMEIROS PROFESSORES E PROFESSORAS
INDÍGENAS XAKRIABÁ**

Belo Horizonte
2024

ADEILZA FERREIRA DA SILVA GONÇALVES
CLEONICE PAULA SANTIAGO DE OLIVEIRA
EDVÂNIA LOPES DOS SANTOS OLIVEIRA

**HISTÓRIAS, LUTAS E DESAFIOS DA PRIMEIRA ESCOLA E DOS
PRIMEIROS PROFESSORES E PROFESSORAS
INDÍGENAS XAKRIABÁ**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas-FIEI, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção de grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientadora: Professora Dr^a Ana Maria Rabelo Gomes

Co-orientadora: Vanessa Lorena Anastácio

Belo Horizonte
2024



Figura 1: Primeira turma do Magistério Indígena/PIEI-MG. Arquivo dos professores do magistério indígena em janeiro de 1996



Figura 2: Escola Estadual Indígena Bukimuju. Foto: Jucyrema Xakriabá, 2023.

Dedicatória

Dedicamos esse trabalho de conclusão de curso especialmente aos nossos familiares que sempre estiveram conosco nos dando a maior força para que todos os nossos trabalhos fossem realizados. A todo o povo Xakriabá em geral. Aos entrevistados: o sr. Alvino Alves de Barros, vice cacique e liderança do povo Xakriabá, morador da aldeia Riacho do Brejo, à professora Geovana Paulo Santiago Gonçalves da aldeia Imbaúba, à professora Vanilde Gonçalves de Deus Araújo moradora da aldeia Brejo Mata Fome e o professor e liderança José dos Reis Lopes da Silva da aldeia Pedra Redonda. Aos nossos professores e bolsistas, colegas do FIEI, à orientadora Ana Gomes e à co-orientadora Vanessa Lorena Anastácio. Aos caciques e lideranças do povo Xakriabá.

Agradecimentos

Primeiramente queremos agradecer ao grande criador Waptokwa Zawre.

Agradecemos aos nossos familiares, pais, mães, irmãos, tios, tias, sogra, sogro (em memória), cunhados e cunhadas, nossos esposos, filhos e filhas.

Nosso muito obrigado ao pajé Déda, ao pajé Vicente (em memória) e também a todo o povo do território Xakriabá, especialmente ao cacique Rosalino (em memória), cacique Rodrigo (em memória), ao Sr. Valdinho (em memória) pelas lutas conquistadas, e aos demais caciques e lideranças Xakriabá, especialmente a liderança da nossa aldeia Imbaúba, Adão Gonçalves de Oliveira pelo apoio e confiança de ter nos dados as suas assinaturas.

Queremos agradecer nossos entrevistados e todas as turmas de professores do PROLIND que foram os primeiros a abrir caminhos para que mais turmas fossem criadas e durante essa trajetória contribuíssem para que nossos trabalhos fossem realizados.

À UFMG que abriu as portas para nós, dando o maior apoio e conforto. Agradecemos também os professores e bolsistas, colegas do FIEI do povo Pataxó, do povo Guarani, e especialmente a nossa turma da LAL pelas trocas de conhecimentos. A nossa orientadora Ana Gomes e a co-orientadora Vanessa Lorena Anastácio pela paciência e dedicação que tiveram com nós na realização desse percurso. Não podemos esquecer também de agradecer Maiane, Jucyrema, Drica Daiane, Maemes, Kelvis Duank, Adriel, Sandy, Reginaldo, Karine, que nos ajudaram muito na realização do nosso trabalho. Agradecer também Odete e Naiara pelos desenhos feitos. Ao Nemerson, Geovane Nunes e Dalene, Verônica Mendes pelas contribuições de imagens. Enfim, gratidão a todos pelas contribuições à nossa trajetória de formação no FIEI e a este trabalho final.

Resumo

Esse trabalho foi realizado buscando ouvir as histórias de luta dos primeiros professores Xakriabá da década de 1990 que assumiram o magistério nas Escolas Estaduais Indígenas Xakriabá dentro do território. Participaram do trabalho quatro professores que residem hoje nas aldeias Imbaúba, Brejo Mata Fome, Pedra Redonda e a liderança e vice cacique do povo Xakriabá, Senhor Alvino Alves de Barros que reside na aldeia Riacho do Brejo. Alguns deles ainda atuam nas escolas, outros como liderança. Realizamos a pesquisa através da análise bibliográfica, entrevistas e conversas registradas em áudio e por escrito. Procuramos analisar a importância da trajetória dos professores e professoras, suas histórias na implantação da educação escolar indígena específica e diferenciada, deixando também registrado as histórias de lutas e desafios enfrentados para alcançar as melhorias na educação do nosso povo. Nosso objetivo é fortalecer a escola Xakriabá e valorizar esses grandes guerreiros, os primeiros professores Xakriabá, representados aqui pelos quatro participantes da pesquisa. Procuramos despertar a nova geração para reconhecer mais essas pessoas que estão sempre nas lutas pelos nossos direitos.

Palavras chave: Primeiros professores Xakriabá; Educação Escolar Xakriabá; Território Indígena Xakriabá.

LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS

FIEI - Formação Intercultural de Educadores Indígenas

FUNAI- Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IEF- Instituto Estadual de Florestas

LBD- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PIEI/MG - Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais

SEE/MG - Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

SRE - Superintendência Regional de Ensino

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

MG - Minas Gerais

PROLIND – Programa de Apoio à Formação Superior de Professores que atuam em Escolas Indígenas de Educação Básica

Palavras Akwén e seus significados

Bukimujú – Nome de um animal de caça (veado) do mato

Xukurank- Boa esperança

Kurinã- Criança Xakriabá

Bukinuk- Indígena

Uikitu Kuhnã - Venha cá criança

Manbuka - Abelha

Oyatomorim -Estrela que brilha

Manykã - Apelido de uma senhora mais velha da aldeia riacho do brejo

Bukikai - Árvore Rio

Siwahãkwa - Lutador

Kuiro Pte- Borduna feita de madeira vermelha

Dazakru warãwdê – Aldeia Imbaúba

SUMÁRIO

1. “EU SOU UM ÍNDIO GUERREIRO, EU SOU XAKRIABÁ”: SOBRE AS AUTORAS	09
2. PORQUE CONTAR ESSA HISTÓRIA?	16
3. METODOLOGIA	18
4. A TERRA DE ONDE VIVEMOS	19
4.1. A ALDEIA IMBAÚBA: NOSSO LUGAR NO MUNDO	21
5. HISTÓRIAS E DESAFIOS DOS PRIMEIROS PROFESSORES XAKRIABÁ	25
5.1. PROGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DE ESCOLAS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS – PIEI/MG	32
5.2. A CRIAÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA INDÍGENA XAKRIABÁ	35
6. “HERANÇA DE ÍNDIO É LUTA”: OS DESAFIOS DA ESCOLA XAKRIABÁ HOJE	47
6.1. NOSSAS MEMÓRIAS DE ESTUDANTES DENTRO E FORA DO TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ	50
6.2. COMO OS ESTUDANTES VEEM A ESCOLA NA ATUALIDADE? ...	57
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE LUTA PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA E DIFERENCIADA PARA O POVO XAKRIABÁ	62
8. REFERÊNCIAS	66

1. “EU SOU UM ÍNDIO GUERREIRO, EU SOU XAKRIABÁ”: SOBRE AS AUTORAS

Fizemos essa pesquisa
Com muita dedicação
Para deixar registrado
Para as futuras gerações.

O nosso parentesco
É bem próximo e familiar
Realizamos essa pesquisa
Porque somos do povo Xakriabá.

Nas nossas pesquisas
Abordamos muito conhecimento
Da nossa realidade
E vivenciamos o presente

Resolvemos fazer em trio
Por serem amigas e até mesmo parente
Pesquisando o passado
E vivenciando o presente.

As autoras desse percurso
São bem dedicadas
Sempre preocupadas
Em se tornarem aprovadas.

Essa pesquisa foi feita
Por três mulheres guerreiras
São elas Cleonice, Edvânia
E Adeilza Ferreira



Figura 3 Adeilza Ferreira Xakriabá

Meu nome é Adeilza Ferreira da Silva Gonçalves, nasci dia quinze do mês de outubro do ano de mil novecentos e oitenta e sete, bem na época das lutas pelo território indígena Xakriabá onde houve derramamentos de sangue de nossos antepassados. Desde da barriga da minha mãe já estava sempre em lutas pelo território. Sou a filha mais velha de Honorinda Ferreira da Silva e José Maria Antônio da Silva, tenho cinco irmãos de sangue, pai e mãe, são elas: Adailene Ferreira da Silva, Adriana Ferreira da Silva, Ailsa Ferreira da Silva e duas adotivas Andreia Ferreira da Silva e Natalina pinheiro de Souza.

Meus pais são pessoas simples. Meu pai sempre foi pra firmas trabalhar fora do território Xakriabá, a minha mãe sempre trabalhou na roça pra nos sustentar com o pouco que colhia porque não tinha um salário fixo, mas, mesmo assim, sempre dedicou Aos meus sete anos de idade, para nós estudar e ter um futuro melhor, comecei a estudar na escola não indígena fora do território Xakriabá, foi quando iniciei meus estudos. Nessa época só tinha aulas no território nas aldeias distantes e não eram professores indígenas e eu não tinha meios de transporte para ir pra escola como cavalo, bicicleta, por isso fui estudar na escola fora do território que tinha o ônibus para levar. Estudei da primeira série até a sétima série, onde enfrentava o preconceito por ser indígena, mesmo assim não desisti.

No ano de 2003 foi meu primeiro ano a estudar no território indígena Xakriabá, onde houve uma imensa alegria na minha vida e me senti no lugar certo junto com meus parentes. Logo finalizei o Ensino Fundamental e iniciei o Ensino Médio no meio do ano de 2005, porque era a época que os professores e lideranças lutavam para a implantação do Ensino Médio no território indígena Xakriabá. No final do ano de 2006 me casei com

Ivan Gonçalves de oliveira. E assim concluí o ensino médio no ano de 2007, com muitas barreiras, mas não desisti de meus estudos a escola era distante uma caminhada toda noite de três quilômetros com os colegas.

Estou atuando em sala de aula desde o ano de 2008 onde o cacique, liderança e comunidade me apoiaram para dar aulas, é uma profissão que eu sempre sonhei e graças a Deus e o apoio de todos estou realizando meu sonho em ser professora na minha comunidade com muito orgulho em fazer parte dessa luta do meu povo Xakriabá.

Sempre tive o sonho de estudar na UFMG, fiz inscrição e tentei algumas vezes e não conseguia, mas nunca desisti porque “a esperança é a última que morre”. Durante a pandemia de COVID-19 a prova para ingressar na Formação Intercultural de Educadores Indígenas - FIEI - foi o memorial, foi quando eu pedi ajuda aos colegas e minha sobrinha Maiane Gonçalves de Oliveira, a quem devo uma gratidão imensa, que me ajudou a elaborar meu memorial, até mesmo a digitar. Não foi fácil, mas me dediquei o máximo, sou a primeira pessoa da minha família a estudar na UFMG, um orgulho pra toda minha família. Graças a Deus consegui realizar meu sonho de estudar na UFMG e às vezes acho que tudo que vivi é um sonho e ainda não caiu a ficha certinha que estou finalizando o curso do FIEI.

No dia que recebi a notícia que fui classificada no FIEI chorei muito de emoção. Ao mesmo tempo, preocupava em sair de meu território por um mês, mas minha família apoiou bastante porque eu estava indo atrás dos objetivos que iria enriquecer mais as lutas de meu povo. E, assim, acreditei e fui com a cara e a coragem. Nos primeiros dias foi tudo novidade, estudar online quando não sabia mexer em nada, mas sempre pedindo ajuda aos colegas Daiane Gonçalves de Oliveira, Andreia Gonçalves de Oliveira e Kelvis Duank Ribeiro que me ajudaram bastante a lidar com a tecnologia, pois era tudo diferente, mas aos poucos consegui me adaptar um pouquinho.

No ano de 2022, no mês de setembro fiz a minha primeira viagem a Belo Horizonte onde foi emocionante deixar meus filhos com meu esposo, minha sogra, minha querida mãezinha e minhas irmãs a quem devo muita gratidão por cuidar tão bem de minhas crianças. Conheci os professores do FIEI, os colegas de outras etnias, bem legais, não vou esquecer jamais de cada um deles. As trocas de experiências foram riquíssimas que só veio fortalecer as lutas de meu povo com esses conhecimentos que adquiri, veio para somar cada vez mais com meu povo Xakriabá.

Atualmente sou casada com Ivan Gonçalves de Oliveira, moro na Aldeia Imbaúba, tenho um casal de filhos: a menina é Isly Rianny da Silva Gonçalves de 11

anos, o menino é Carlos Miguel da Silva Gonçalves de 5 anos de idade. Meu marido e meus filhos me apoiam muito nos estudos. Também tenho minha sogra Senhorinha Gomes de Oliveira que me dá apoio quando estou em Belo Horizonte ajudando a cuidar dos meus filhos. Minha família é minha rede de apoio para os estudos com quem sempre possa contar.

Cleonice Paula Santiago de Oliveira



Figura 4 Cleonice Paula Santiago no Jardim Mandala, FaE/UFMG.

Eu me chamo Cleonice Paula Santiago de Oliveira, nasci na aldeia Brejo Mata Fome no dia 24 de junho do ano de 1985, território indígena Xakriabá no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Tenho 39 anos de idade e atualmente moro na aldeia Imbaúba. Sou filha de Pedro Paulo Santiago e Guilhermina Gomes de Oliveira. Tenho 11 irmãos sendo eles: José, Enedina, João, Odílio, Maria Elisa, Declina, Geovana, Odete, Zenilton e Juranir. Sou casada meu esposo se chama José Gonçalves de Oliveira temos 3 filhas Tchelly, Mirely e Hwanahara.

Em 2009 fui escolhida pela liderança e a comunidade para trabalhar em sala de aula e tem quinze anos que atuo como professora nos anos iniciais na Escola Estadual Indígena Bukimuju, vinculada a escola da aldeia Brejo Mata Fome na aldeia Imbaúba.

Minha vida escolar começou em 1994 quando os meus pais me colocaram numa escola que se chamava Escola Municipal Pio XII. Essa escola ficava bem próxima da minha casa na época, na aldeia Brejo Mata Fome. Nenhum dos professores que

trabalhavam nessa escola eram indígenas. Então, entre os anos 1994 e 1997 tive aprendizados totalmente diferentes, a gente por ser aluno indígena era muito “preso em quatro paredes”, ou seja, não tínhamos liberdade para nos expressar e praticar nossa cultura.

Em 1997 comecei a estudar com professores indígenas na escola específica e diferenciada, onde passei a ter entendimento da realidade do meu povo, nesse mesmo ano concluí a quarta série. Minha primeira professora indígena foi Vandinha Xakriabá, moradora da aldeia Brejo Mata Fome. Nessa época os professores indígenas que fizeram o curso do Magistério no Rio Doce só podiam atuar nas turmas de primeira até a quarta série e a escola não oferecia a quinta série. Por este motivo, fiquei dois anos sem estudar, que foi nos anos de 1998 e 1999, esperando a Implantação do Ensino Fundamental II nas escolas indígenas Xakriabá.

Retornei meus estudos nos anos de 2000 a 2003 e não precisei ficar parada, pois já tinham professores indígenas em formação para dar aulas nas turmas do Ensino Fundamental II. Em 2004 fiquei mais um ano afastada da escola esperando a Implantação do Ensino Médio. No ano seguinte, que foi em 2005, dei continuidade nos meus estudos até formar o terceiro ano do Ensino Médio em 2007.

Assim que terminei o terceiro ano despertou em mim a curiosidade de fazer a prova da UFMG, várias vezes tive que me deslocar do território para uma cidade distante para fazer a prova e não consegui passar. Porém, fiquei um tempo sem fazer a prova, pois também veio o nascimento da minha segunda filha e assim que ela completou quatro anos de idade tentei novamente. Foram cinco anos de tentativas para conseguir ingressar no FIEI, na sexta vez Deus abençoou que consegui passar. Fiquei feliz por ter passado porque era um sonho meu, mas, por outro lado, senti uma tristeza porque sabia que ia ficar mais de um mês longe da minha família, principalmente da minha filha mais nova, prestes a completar dois anos de idade.

O imprevisto aconteceu que por causa da pandemia não foi possível ir para o módulo em Belo Horizonte e cursei os dois primeiros anos do FIEI online sem sair do território. Em setembro de 2022 quando fui a primeira vez para Belo Horizonte foi muito difícil pra mim, até porque eu nunca tinha saído do território, os dias pareciam uma eternidade. Mas, com a proteção de Deus deu tudo certo, agora falta pouco para terminar e é isso. Gratidão por chegar aonde cheguei.

Edvânia Lopes Dos Santos Oliveira



Figura 5 Edvânia Lopes dos Santos Oliveira

Meu nome é Edvânia Lopes dos Santos Oliveira, nasci no ano de 1987 no Território Indígena Xakriabá, Município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Nasci durante o período da invasão e derramamento de sangue dos nossos guerreiros que deram suas vidas em prol do seu povo, portanto, sou fruto da luta.

Atualmente tenho 36 anos, sou filha de José Lopes dos Santos e Lúcia Maria da Cruz Santos, tenho 7 irmãos sendo eles Adailza, Daiane, Marcelo, Patrícia, Aline, Gildazio, Edcarla. Sou casada com Leires Gonçalves de Oliveira temos 2 filhos, Caio Henrique Gonçalves de Oliveira de 13 anos de idade e Leires Gonçalves de Oliveira Junior de 6 anos de idade. Antes eu morava na Aldeia Riacho do Brejo com meus pais, mas atualmente sou moradora da Aldeia Imbaúba.

Sou professora, minha carreira começou no ano de 2016 fui escolhida pela liderança e cacique para atuar como professora do programa Escola em Tempo Integral que visa dar apoio aos alunos com dificuldade. Na época trabalhei com estudantes de primeira a quarta série dos Anos Iniciais da Escola Estadual Indígena Bukimuju.

Na minha trajetória escolar, tive a oportunidade e a garantia de ter estudado com professores Indígenas Xakriabá. Aos sete anos de idade comecei a estudar na Aldeia Riacho do Brejo, enfrentava todos os dias quatro quilômetros de caminhada e muitas vezes cheguei a ir para a escola com fome, pois venho de uma família simples e humilde e às vezes não tinha alimento para comer. Passei por inúmeras dificuldades, pois quando iniciou a escola indígena diferenciada não oferecia estrutura nenhuma para acomodar os alunos: era feita de pau a pique, coberta de capim sapé sentávamos nas esteiras que substituíam as cadeiras. Assim, persistimos na luta e éramos muito felizes.

Contei com a ajuda do meu professor Xakriabá José Alves de Barros no processo de alfabetização e me alfabetizei da melhor forma possível através de músicas, cantigas de rodas, leituras e rituais. Permaneci nesta escola até a quarta série e quando passei para a quinta série fui obrigada a mudar de escola, pois ali não oferecia as séries seguintes. Comecei a estudar na Aldeia Brejo Mata Fome enfrentando dificuldades e desafios, a caminhada para ir à escola era ainda mais longa, ia andando a pé todos os dias.

No ano de 2006 concluí a oitava série do Ensino Fundamental e para mim foi das maiores conquistas que tive. No ano seguinte continuei estudando e enfrentando novos desafios, desta vez estudava à noite e tinha que dormir na casa de uma amiga, mesmo assim no ano de 2009 formei o Ensino Médio e alcancei mais um dos meus objetivos.

No ano de 2020 consegui ingressar na graduação pela UFMG e foi um dos maiores sonhos conquistados da minha vida, foi bem no ano da pandemia e encontrei inúmeras dificuldades com acesso a adaptar com a tecnologia onde contei com ajuda de Daiane, Maiane, Kelvis Duank, que nos ajudou bastante nesse período tão difícil que foi esse ano que conseguir me ingressar onde adquirir novos conhecimentos para contribuir com minha comunidade em geral.

2. POR QUE CONTAR ESSA HISTÓRIA?

Esse trabalho descreve as histórias de luta dos primeiros professores indígenas Xakriabá por uma educação específica e diferenciada, que deu origem à criação da primeira escola do território, denominada Escola Estadual Indígena Bukimuju. Reconhecemos que o direito por uma educação diferenciada foi conquistado através das lutas dos povos indígenas.

Por muitos anos a educação escolar no território era realizada por pessoas não indígenas o que contribuiu para o processo de tentativa de apagamento da nossa cultura, uma vez que os “brancos”, ou seja, os não indígenas, desvalorizavam os saberes tradicionais, forçando o nosso povo a adotar uma visão de mundo diferente, vinda do modelo de educação cristã/jesuíta, que tinha como objetivo integrar os povos indígenas à sociedade. Esse modelo de ensino caminhava em direção contrária a educação desejada pela perspectiva indígena.

Enquanto professoras e mulheres indígenas, ressaltamos a importância da luta coletiva para a construção de uma educação que respeite a visão e cultura dos nossos povos. Além disso, somos frutos dessa luta, pois, estudamos com os primeiros professores do território e hoje estamos também atuando dentro da educação escolar indígena, portanto, fazemos parte dessa realidade e entendemos o seu valor. Uma vez que essas histórias nos inspiraram a nos tornarmos professoras e dar continuidade a essa luta.

Nosso interesse em pesquisar esse tema surgiu após ouvir relatos de professores contando suas histórias de como foi a trajetória e os desafios enfrentados por serem os primeiros professores indígenas que se formaram na turma de 1997 no PIEI/MG – Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais – até a atualidade. Então, nos perguntamos: será que a nova geração de estudantes e professores conhecem essas histórias? Qual seria o impacto de contar essas histórias para a escola Xakriabá hoje e os caminhos futuros para a educação escolar Xakriabá?

Que esse trabalho possa servir como base para que outras pessoas conheçam essa trajetória dos primeiros professores que são a base da educação escolar indígena Xakriabá. Essa pesquisa é também para mostrar à juventude e futuras gerações como valorizar cada vez mais os primeiros professores indígenas Xakriabá, uma vez que eles participaram de alguns desafios como foi a implantação da educação escolar indígena diferenciada dentro do território Xakriabá.

O tema foi escolhido pela sua relevância para o povo Xakriabá. A educação escolar indígena dentro do território foi instaurada através da luta coletiva do povo, mais especificamente através dos primeiros professores Xakriabá. Reconhecemos que não foi uma luta fácil e que a educação vem abrindo diversos caminhos de atuação para os nossos jovens e ao mesmo tempo tem sido alicerce para a manutenção e preservação das nossas práticas culturais. É por identificar a importância desses guerreiros nesse processo que desenvolvemos a pesquisa, no intuito de deixar registrado para as gerações futuras a história de luta e resistência presentes na educação escolar Xakriabá.

3. METODOLOGIA

Para esta investigação foram realizadas pesquisas bibliográficas, entrevistas semi-estruturadas e registros de relatos de experiência sobre a trajetória de alguns estudantes na educação escolar indígena Xakriabá. Para os registros utilizamos a gravação em áudio das entrevistas e posteriormente a transcrição, algumas entrevistas foram feitas de forma escrita, à escolha dos entrevistados. Os registros fotográficos foram realizados por nós pesquisadoras e alguns foram cedidos por pessoas Xakriabá em contribuição ao nosso trabalho. Também utilizamos desenhos feitos por colaboradores Xakriabá.

Foi elaborado por nós um roteiro com sete perguntas para nossos entrevistados, sobre as histórias de lutas e desafios dos primeiros professores indígenas Xakriabá. O procedimento foi feito por meio de conversas. As entrevistas foram realizadas em diferentes aldeias na residência dos próprios entrevistados.

Essas pessoas foram escolhidas para fazer parte do nosso percurso, pois elas têm grandes conhecimentos sobre a realidade da educação escolar indígena Xakriabá. Também exercem um grande papel tão importante na luta para a implantação de uma educação diferenciada, a qual é passada para os estudantes quanto na prática e na oralidade. Para registrar foram utilizados os materiais celulares tanto para gravar os áudios quanto para fotografar, assim como foram feitas anotações e desenhos.

Os entrevistados foram: Alvino Alves de Barros (vice cacique e liderança), Vanilde Gonçalves de Deus Araújo (professora), José dos Reis Lopes da Silva (professor), Geovana Paulo Santiago Gonçalves (professora), José Nunes de Oliveira (professor e diretor - no momento se encontra afastado).

Também procuramos ouvir alguns estudantes da educação escolar indígena Xakriabá através dos registros de relatos de experiência sobre suas trajetórias na educação escolar indígena Xakriabá, incluindo as trajetórias estudantis das autoras desta pesquisa.

4. A TERRA DE ONDE VIVEMOS



Figura 6: À direita, árvore Barriguda da aldeia Imbaúba II. À esquerda, árvore Barriguda Florida na aldeia Imbaúba II. Fotografia: Arquivo pessoal, Dalene Xakriabá-Kêpdi, julho, 2023.

No território Xakriabá as cores são vivas e alegres. A vegetação do território predominante é formada pelo bioma Cerrado, lá temos mata e morros com grandes variedades de árvores como o Angico, a Aroeira, Arco, Juá, Braúna, Imbaúba, Barriguda, Umbu, entre outras árvores. O Cerrado é também conhecido por partes chamadas de Gerais ou Tabuleiro onde possui árvores como Pequi, Jatobá, Tingui, Sucupira, Cabeça de negro, Pau terra, etc. Também tem várias nascentes, rios, plantas medicinais, grutas, são lugares sagrados dos nossos ancestrais.

Essas características da vegetação local são muito importantes porque é neste território em que se encontram o nosso meio de sobrevivência, porque neles encontram grande variedade de recursos naturais que são utilizados pelas pessoas na preparação de remédios, na coleta de frutas, caça de animais, materiais para a construção das casas, matéria prima para os artesanatos, entre outras utilidades pelas pessoas das Aldeias. Podemos encontrar muitos animais em nosso território como Mocó, Coelho, Sariema, Tatu, Gavião, Veado, Tamanduá, Onça, Teiú.

No território indígena Xakriabá têm várias organizações governamentais que atendem nosso povo como a Saúde Indígena com a SESAI, o Saneamento Básico e a educação escolar indígena diferenciada com a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais; assim como organizações não governamentais, criadas pelas próprias comunidades, como a Articulação Xakriabá, o Movimento Juventude Indígena Xakriabá, a Casa de Medicina e polpas de frutas Xakriabá, Ponto de Cultura Xakriabá e a Rádio Xakriabá onde são passadas várias informações.

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais, e tem atualmente 39 aldeias. A Terra Indígena ainda não foi totalmente demarcada e ainda hoje lutamos para que essas terras sejam demarcadas e para que as nossas futuras gerações tenham lugar de morar e viver.



Figura 7: Mapa representativo da Terra Indígena Xakriabá (mapa: Google, 2014).

O nosso território tem sua própria forma de organização. Pensando nisso as nossas lideranças e caciques criaram a organização interna que é responsável por defender e proteger nosso território. Além disso, eles são responsáveis pela defesa dos nossos direitos e continuam incansavelmente nessa luta. São 39 aldeias, 5 caciques e 31 lideranças.

Ainda temos vários desafios pela frente, já enfrentamos muitas batalhas, como a luta pela terra e sua demarcação no ano de 1987, que foi a maior de todas, onde morreram vários indígenas Xakriabá, para defender o nosso território. Foi através da luta que adquirimos o direito ao território e também a educação escolar específica e diferenciada

conforme a legislação. Esta luta ainda não acabou, pois temos as áreas de retomada onde reivindicamos a demarcação de partes que ficaram de fora da primeira demarcação e que fazem parte do nosso território ancestral, conforme apontam diversas pesquisas.

Dentro desse cenário a conquista pela demarcação do território vincula-se também à luta por uma educação diferenciada e de qualidade, pois, a valorização do território diz respeito também à valorização de uma educação tradicional indígena, ministrada e organizada por pessoas compromissadas com a luta do povo. Visto que é a partir da luta coletiva que se instaura dentro do território a implementação das primeiras escolas indígenas Xakriabá.

4.1. A ALDEIA IMBAÚBA: NOSSO LUGAR NO MUNDO



Figura 8: Foto da árvore Imbaúba. Outubro de 2023. Fonte: Arquivo pessoal de Cleonice Paula Santiago

A nossa aldeia Imbaúba recebeu esse nome pelo fato de ter muitas árvores de Imbaúba. A nossa aldeia é representada por uma liderança chamada Sr.Adão e tem cerca de 90 famílias. Na aldeia temos nossos anciões que têm vários conhecimentos que fortalecem o nosso povo Xakriabá. Tem o Pajé Deda que é um sábio na nossa cultura

como casa da medicina e sopro do rapé, tem as parteiras que também fazem os remédios naturais utilizados por todos na aldeia.

Têm os artesãos que trabalham com madeira: o Pajé Deda, o ancião tio Hilário, Sr. Manoel, Sr. Delmiro (Bioi) eles produzem vários animais de madeira como os pássaros, tamanduás, tatus, cobras entre outros, fazem utensílios de casa como pratos, colheres e gamelas. Alguns artesãos também trabalham com fibras de seda de buriti, croata, banana e taboa, com essas fibras produzem bolsas e saias. Com as lascas retiradas do bambu e da cana brava fazem peneira e balaio, além de pulseiras de sementes como juruna, Pau Brasil, mucunã e lágrimas de nossa senhora.

Existem também algumas comidas típicas que são utilizadas nas datas comemorativas, casamentos, comemorações do dia das mães e dia dos pais e semana dos povos indígenas. As comidas são feijão tropeiro, cortado de banana, feijoa, canjiquinha, angu, farinha de milho, beiju, batata doce, abóbora assada, mandioca, feijão andu, doce de coquinho dos gerais, paçoca de carne, paçoca de coco, gergelim, milho assado, funfun, chás diversos... São muitas delícias preparadas pelo Povo Xakriabá e compartilhadas quando comemos juntos.

Tem o nosso Grupo Cultural com anciãos, adultos, jovens, crianças, Pajé, Caciques, Lideranças e professores que reunimos uma vez por mês para praticar as tradições culturais. Nestas noites culturais, contamos as histórias de lutas e também histórias de rir e de assustar, histórias de Livusia, adivinhas, cantamos cantigas de roda, jogamos loas e versos, dançamos o batuque e o ariri e fazemos jogos indígenas Xakriabá, compartilhamos nossas comidas típicas.

Tem também os festejos de Bom Jesus que são comemorados no mês de agosto, onde todos da Aldeia Imbaúba estão envolvidos. Estes festejos acontecem a cada ano na casa de uma anciã da aldeia.



Figura 9: Sr. Adão Gonçalves de Oliveira, liderança da Aldeia Imbaúba Fotografia: Maiane Xakriabá Setembro, 2023

Todas as crianças da Aldeia Imbaúba estudam na Escola Dazakru Awrawdê, são cerca de 100 alunos e aproximadamente 26 servidores. Essa escola Indígena é onde nós atuamos como professoras, vinculada à escola sede Escola Estadual Indígena Bukimuju. A Escola Dazakru Awrawdê é um segundo endereço, porque a Escola Bukimuju tem sete escolas vinculadas, todas com o mesmo nome, só divididas por aldeias.



Figura 10: À esquerda, escola da aldeia Imbaúba/ À direita, pintura de parede feita por Maiane Xakriabá na escola da aldeia Imbaúba representando o território Xakriabá.. Fotografia: Maiane Xakriabá, setembro, 2023.

Na Imbaúba 2 tem uma nascente que tem vários animais, pássaros, plantas medicinais, plantas frutíferas. Desta nascente, antes, a gente utilizava muito ela para fazer

nossas necessidades básicas como lavar vasilha, tomar banho e fazer nossas atividades domésticas. Mas, com o passar dos tempos a nascente foi ficando destruída devido a ação humana. Hoje estamos tentando recuperá-la com ações desenvolvidas com a comunidade e demais parcerias e órgãos como IBAMA entre outros. Através disso, aos poucos, nossa nascente vai sendo recuperada e um dia veremos ela como era antigamente, preservada com matas, animais e uma vegetação linda. É também na Imbaúba 2 que mora a artesã Maiane que faz vários colares de miçangas e vestimentas Xakriabá que são os nossos adereços que usamos nas participações culturais.

5. HISTÓRIAS E DESAFIOS DOS PRIMEIROS PROFESSORES XAKRIABÁ

Primeiramente da nossa história
Vou começar a contar
Falando das lutas
Dos primeiros professores Xakriabá

Uma dessas lutas
Era o espaço de trabalhar
Não tinha sala de aula
Para os alunos estudar

Estudavam debaixo das árvores
E não podia reclamar
Era o único espaço que
Os professores tinham pra lecionar

Quando chovia
As aulas não podia funcionar
Pois molhava os alunos
Que ali não podia ficar

Não tinha estrutura
E muito menos alimentação
Os alunos caminhavam quilômetros
Em busca de melhor condição

Os primeiros professores
Muitos desafios tiveram que enfrentar
Não tinham apoio de órgãos competentes
Pra poder alfabetizar

O prefeito daquela época
O apoio não quis dá
Pois achavam os professores incapazes
Do nosso povo ensinar

Foram anos de luta
Do nosso povo e do Cacique Rodrigo
Que sempre lutou por nossos direitos
Em busca da nossa educação

Se hoje temos médicos e dentista
E também outras profissão
São graças a nossos primeiros professores
Que alfabetizou com muita dedicação

Não abaixou a cabeça em momento nenhum
Diante das dificuldades
Lutou bravamente por nosso povo
Pra termos uma educação de qualidade

Pra falar do nosso Xakriabá
Primeiro vem os anciãos
Pessoas tão importante
Para nossa região

Os anciãos são livros vivos
Do povo Xakriabá
Guardam muitas histórias dos antepassados
E isso devemos preservar

Essas histórias são importantes
E delas temos que lembrar
Procurar adquirir conhecimento
Com os anciãos do nosso lugar

Neste capítulo trazemos as histórias contadas pelos professores entrevistados. Estes professores fazem parte do grupo dos primeiros professores Xakriabá e são das Aldeias Brejo Mata Fome, Imbaúba, Pedra Redonda e Riacho do Brejo. Observamos que as histórias contadas por eles fazem parte de um repertório comum entre os primeiros professores Xakriabá, são as histórias da luta, uma luta pela educação escolar indígena dentro do nosso território. Caminhando junto a estas narrativas temos a história do PIEI/MG – Programa de Implantação das Escolas Indígenas do Estado de Minas Gerais – quando o Estado junto a parceiros como os povos indígenas de Minas Gerais, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Fundação Nacional Índio (FUNAI) e o Instituto Estadual de Florestas (IEF) empreenderam esforços para a criação das escolas indígenas específicas e diferenciadas e a formação de professores indígenas para atuarem em suas escolas.

As primeiras reuniões no território para discutir a proposta de uma Escola Indígena específica para o povo Xakriabá foram realizadas em 1994 e 1995. A reivindicação principal dos caciques e lideranças era que os professores fossem indígenas do próprio povo que realmente conhecem e respeitam a nossa realidade. Assim, os primeiros professores Xakriabá foram selecionados em 1996, inicialmente foram indicados pelos caciques, lideranças e aprovados pela comunidade das aldeias, conforme disse José Reis:

Os primeiros professores Xakriabá foram escolhidos depois de uma longa discussão para a implantação do PIEI Minas Gerais. Aqui tiveram várias reuniões, onde contou

com a participação do Cacique Manoel Gomes de Oliveira Rodrigão e lideranças de todas as comunidades e representantes da FUNAI, UFMG, IEF e SEE. (Entrevista com José dos Reis Lopes da Silva, janeiro 2024, transcrição das autoras)

Naquele momento foram escolhidos 40 professores. Os critérios que eram utilizados para a escolha eram a análise da participação na comunidade, as contribuições na luta do povo e o envolvimento na cultura Xakriabá. Segundo Vanda Xakriabá, uma das primeiras professoras do território formada pelo PIEI/MG, a principal característica para a seleção era fazer parte da luta territorial¹. A professora Geovana Xakriabá, relata que “os critérios seriam, ser indígena Xakriabá, morar na aldeia, ter compromisso com o trabalho e com a comunidade.” (Geovana Xakriabá, janeiro, 2024²)

Vemos que o histórico de envolvimento com a luta pela demarcação do território e a luta pelos direitos indígenas, ou seja, pelo “bem do povo”, como aponta Vanda Xakriabá, foi fundamental para a escolha dos primeiros professores. Deste modo, na escolha dos professores tivemos também uma representação da juventude, pois alguns deles eram inclusive menores de idade, mas já acompanhavam as pautas das lutas Xakriabá pelo território e pela educação dentro e fora das aldeias. Nesta época, tinham quatro professores indígenas que já trabalhavam pelo município de Itacarambi e estes também foram escolhidos para que pudessem trabalhar no atendimento das demandas da educação Xakriabá.

A principal dificuldade enfrentada no território para escolha dos primeiros professores indígenas Xakriabá era que os indígenas tinham formação só até a quarta série, mas dentre os professores selecionados também haviam pessoas que só tinham a terceira série. No caso do nível de escolaridade, os parceiros - SEE/MG, IEF, UFMG e FUNAI - não viram como um problema. Em relação à idade, Segundo José dos Reis a solução que encontraram foi escolher uma pessoa para ficar responsável, portanto “(...) foi escolhida Dona Eunice do Itapicuru para ficar responsável para acompanhar e aconselhar se caso fizesse alguma coisa errada,” (José Reis, janeiro, 2024). Assim, Dona Eunice acompanhava as pessoas que eram menores de idade e garantia que eles seguissem as normas dos critérios estabelecidos pelos caciques e lideranças do perfil que teria um professor indígena.

O nível baixo de escolaridade dos indígenas era porque antes a escola pertencia ao município de Itacarambi, porque nessa época a mesma não era estadual. Então, durante esse tempo os estudantes ficavam prejudicados porque os professores que trabalhavam nessa escola

¹ Entrevista com Vanda Xakriabá realizada em janeiro de 2024, gravada em áudio e transcrita pelas autoras.

² Entrevista com Geovana Xakriabá realizada em janeiro de 2024, gravada em áudio e transcrita pelas autoras.

não eram indígenas e nem todos os dias da semana eram frequentes nas aulas, provocando assim uma descontinuidade na formação escolar das crianças e jovens Xakriabá.

Senhor Alvino, liderança da Aldeia Riacho do Brejo e vice cacique do Povo Xakriabá relata sobre os professores que vinham dar aula no território que “(...) muitos trabalhavam três vezes na semana, chegavam na segunda-feira à tarde, sexta-feira de manhã iam embora.”³ As palavras de Sr. Alvino estão de acordo com os relatos de Geovana Xakriabá:

Os estudantes ficavam todos prejudicados na semana, porém nessa época o transporte era bem difícil. Tinha apenas uma Toyota que transportava os professores da cidade até a escola dentro do território. Antes a maioria dos pais não matriculavam seus filhos na idade certa - eram entre 9, 10, 11 anos de idade -, devido a distância das aldeias até a escola, pois não se sentiam seguros de mandar os filhos pequenos a pé para a escola. Devido a essas dificuldades, muitos estudantes desistiram da escola ou só estudaram até a quarta série. Dentre as dificuldades uma delas era o fato do professor não ser indígena. (Entrevista com Geovana Paulo Santiago Gonçalves, janeiro, 2024)

Os professores não indígenas não entendiam a realidade do povo, suas especificidades enquanto um povo originário. Portanto, no contexto escolar não tinha espaço para prática da cultura, eram desenvolvidas atividades convencionais que discutiam os conhecimentos dos brancos e não na realidade em que o povo estava inserido. Vanda Xakriabá relata como a atuação dos professores não indígenas era distante da realidade Xakriabá e muitas vezes constrangedora.

Então foi uma luta muito grande pra gente poder transformar essa escola, aquela escola que repreendia muito a gente e que pra gente também não era bom. Como povo Xakriabá, às vezes a gente tinha os nossos costumes, mas quando chegava dentro da escola ele era todo acabado ali, devido também às ameaças que a gente sofria pelos professores não indígenas e que a gente também não tinha essa liberdade talvez de brincar, de mostrar um pouco daquilo que a gente sabia. Era mais o convencional, então a gente ficava nessa preocupação de praticamente isolado. Naquele momento a gente sentia ali como se a gente não tivesse voz e nem vez e qualquer coisa que a gente falava também, de repente, servia de crítica até pelos próprios professores que atuavam ali naquele momento, dando as aulas. A gente também não podia nem falar, era uma escola muito repreendedora, porque a gente ficava assim pensando: - Meu Deus, como que a gente consegue viver numa escola desse tipo (....). Você não tinha um espaço, você não tinha um espaço para você, de convivência no momento. Eu me lembro que até a merenda também a gente era vigiado entre quatro horas pelos professores. Não tinha liberdade nem de brincar, e era bem difícil. Os professores eram piores do que uns policiais hoje, né? Como a gente era escola, não considerava uma escola, considerava uma prisão naquela época. E que para a gente era bem complicado a gente viver naquele espaço, onde que a gente também na comunidade a gente era livre, e quando chegava na escola a gente queria ter liberdade também, só que a gente era contido por ter essa liberdade. (Entrevista com Vanda Xakriabá, janeiro, 2024, transcrição das autoras)

³ Entrevista com o Sr. Alvino Xakriabá realizada em janeiro de 2024, gravada em áudio e transcrita pelas autoras.

Nessa época, os trabalhos realizados nas escolas dentro do território eram muito rígidos. Os estudantes enfrentavam uma realidade escolar muito desagradável e passavam por constrangimentos diversos, só quem já passou por essa situação sabe como é. A falta de liberdade demonstrada por Vanda Xakriabá em suas falas significa também a negação das formas de vida e de modos de aprendizagem conforme a cultura Xakriabá, podemos entender como uma forma de negação da nossa identidade e da nossa cultura.

Os relatos dos professores entrevistados dão conta de que além da privação das práticas culturais os estudantes Xakriabá sofriam preconceito por parte da maioria dos professores não indígenas. Ouviam discursos de que eles fediam, que as roupas não eram adequadas, e questionavam a forma de alimentar e a falta de uso dos produtos de beleza, que não eram utilizados pelos indígenas. Isso fazia com que os estudantes se sentissem repreendidos e envergonhados de utilizar suas práticas tradicionais de proteção de doenças físicas ou espirituais e de picadas de animais. Portanto, os estudantes adiavam o uso da medicina tradicional que os seus pais e Pajés orientavam com o receio da rejeição que sofriam por parte dos professores, ora pelo cheiro, ora pelo aspecto que os remédios deixavam em seus corpos.

Percebemos que o uso da medicina tradicional com as crianças e jovens passou a ser recorrente somente aos fins de semana, quando os estudantes não precisariam ir à escola e assim enfrentar a discriminação dos professores não indígenas que desconheciam suas práticas da medicina tradicional e não demonstraram interesse em conhecer, estimular e valorizar estas formas de conhecimento, uma das professoras expõe que os pais e Pajés “(...) ia fazer o remédio que deixasse pro fim de semana por conta dessa rejeição.”⁴

Neste período, muitos professores não indígenas maltratavam os estudantes com as palavras a qual não se deve falar com um ser humano e sem contar nos cruéis castigos que os mesmos davam nos estudantes. Alguns destes castigos físicos aparecem nas memórias de Geovana Xakriabá ao contar de sua vida escolar:

Eu mesma estudei na escola Pio XII. A professora era muito rígida. Aplicavam as atividades, mas não dava a oportunidade para nós alunos dar opiniões, até mesmo para tirar as dúvidas encontradas nas mesmas. A professora aplicava umas dez questões sobre o tema trabalhado e pedia aos alunos para estudarem em casa. Aí só avisava o dia de fazer a prova. Ficávamos todos preocupados, tinha que dar conta para conseguir a nota necessária. Na maioria das vezes não aprendia, mas sim decorava. A vida foi dura, tinha que entender, tinha que estudar em um período e ajudar os pais na roça em outro horário. Além disso, a professora maltratava muito os alunos com palavras agressivas, com muito castigo, tapa nas mãos, puxão de orelha. A gente aguentava tudo calado [...] E assim nós obedecia, aceitava tudo. Por isso fomos passados para

⁴ Entrevista com Vanda Xakriabá realizada em janeiro de 2024, gravada em áudio e transcrita pelas autoras.

trás, pelo fato de não saber defender os próprios direitos. Então, aluno foi feito para respeitar e ser respeitado, estudar livremente, receber explicações naquilo que não entendeu nas disciplinas trabalhadas receber preparação para enfrentar o mundo lá fora, mas não sofrer preconceito de ninguém. (Entrevista Geovana Xakriabá, janeiro, 2024, transcrição das autoras)

Quando a escola ainda não era indígena as condições eram bem difíceis para as famílias, pois muitas vezes faltavam alimento em suas casas. Mesmo assim, apesar das dificuldades, os pais colocaram os filhos para ir para a escola. O cacique Rodrigo, em memória, foi uma pessoa que lutou muito pelos nossos direitos e pela educação específica e diferenciada dentro do território, pois o mesmo viu que os estudantes não estavam sendo alfabetizados como deveriam ser.

Com a seleção de professores indígenas, as lideranças tinham a intenção de mudar a educação escolar do povo Xakriabá. Ter professores que vivessem e respeitassem a cultura, que entendessem a realidade a qual estavam inseridos já era um avanço importante na construção da escola indígena diferenciada. Após serem selecionados os professores deram início aos estudos no curso de programa de implantação de escolas indígenas. No segundo ano de estudo no PIEI, os educadores Xakriabá assumiram a educação escolar no Território, mas não sem luta.

Para exercer a profissão de professores houve resistência do prefeito do município de São João das Missões à época, Ivan de Souza Correia, conhecido como Correinha. Foi na contratação dos educadores indígenas que o prefeito Correinha alegava que os indígenas não tinham capacidade de assumir as escolas indígenas.

Em 1997, foi uma grande luta pela contratação dos professores do município de São João das Missões, onde o prefeito Ivan de Souza Correia, conhecido como Correinha, não queria nos contratar por nos julgar pessoas incapazes de exercer a função de professor. A luta foi difícil para conquistar tudo isso. A professora Márcia Spier, coordenadora do curso, foi uma grande guerreira nesta longa caminhada. Veio juntamente com nós até a Prefeitura de Missões para dialogar com ele. (Entrevista Geovana Xakriabá, janeiro, 2024, transcrição das autoras)

Outra dificuldade também que a gente teve é ser contratado pelo município de São João das Missões, onde tinha um prefeito que não acreditava nos professores indígenas, sim acreditava só no voto do povo, que o povo votava nele. Ele queria a questão de beneficiar com o voto, mas a questão de atender a comunidade e satisfazer a comunidade na questão de devolver a questão do voto que a comunidade deu, sim, ele colocava a professora de fora. E essa dificuldade permaneceu que quando a gente estava no terceiro módulo, em 97, não me engano, a gente estava no terceiro módulo já do magistério, em janeiro, que ele perdurava até o início de fevereiro. A gente soube naquela época – não tinha meio de comunicação, tinha um telefone na recepção do parque e tinha um meio de comunicação via rádio em Valadares –, e a gente ficou sabendo por telefone que o território estava cheio de professores não indígenas contratados, onde que o prefeito alegava que tinha professor indígena fazendo o curso, mas que os professores indígenas não estavam capacitados ainda para atender o povo

Xakriabá. E a gente sofreu várias ameaças também por parte desse prefeito dizendo que a gente era incapaz, muitas vezes, a gente era incapaz... E aí me lembro que a gente estava na sala de aula e todo mundo já ficou um pouco pensando: “Mas como que a gente está fazendo o curso, que também tinha o terceiro ano do ensino médio, e foram contratados vários professores de São João das Missões, Regiões, para poder estar atendendo o nosso povo?” E aí conversa com os professores do curso, principalmente Márcia Spier, ela tomou de frente, ela falou que isso não podia estar acontecendo no território Xakriabá. E no dia da gente vir embora, a gente teve essa triste notícia que estava cheio de professores não indígenas dentro do território. Ela falou: “- Não pode ficar assim pros Xakriabá, professores Xakriabá, nós vamos à luta! Nós vamos!” Tanto é que ela entrou no ônibus do Parque do Rio Doce como que ela estava lá, ela veio com a gente, desceu com nós dentro do ônibus vindo do Parque, e quando chegou em São João das Missões, marcou, ela ligou para o prefeito para marcar essa conversa com o prefeito, que não podia outra coisa. Professores não índio, não indígena, né, tava atendendo os nossos alunos indígenas, uma vez que já tinha o terceiro módulo de formação dos professores e que a gente já tava capacitado para atender o nosso povo. E quando marcamos a reunião com ele, ela marcou, conversou tudo. Ele ia chegar em torno de umas nove horas da manhã, aí chegamos na prefeitura, ele acolheu a gente e aí ela [Márcia Spier] foi e colocou a proposta que o povo Xakriabá, os professores Xakriabá já tava capacitado para atender a demanda do povo Xakriabá. Ele foi e disse que não, que a gente era incapaz, que a gente não conhecia, não sabia de nada, né? Como é que os professores que fez só a quarta série, que a gente chamou de quinto ano, tinha capacidade de atender a demanda do povo, como questão de ensinamento para os nossos alunos? Dentro desses questionamentos, dessa ida e vinda, e foi muita luta também, ela questionou a ele que quem deveria atender o nosso povo Xakriabá seria os Xakriabá, e ela já estava em conversa com os caciques, a liderança do território. E como a gente entende que era muito difícil também naquela época, porque não tinha transporte, para que os caciques e as liderança chegassem até São João das Missões, e dificultou essa ida deles lá no São João das Missões, para também estar junto com a gente fazendo a conversa com o prefeito. Mas ele estava de cá, entrando em contato também, e aí a gente fez a conversa com o prefeito, e ele alegando que a gente era incapaz, que a gente não tinha a capacidade de assumir as turmas, os alunos, nós Xakriabá. E quando a gente saiu de lá, a gente queria uma resposta dele. E ele ainda ficou assim um pouco sem dar decisão pra gente. (Entrevista Vanda Xakriabá, janeiro, 2024, transcrição das autoras)

Mesmo Correinha não mostrando vontade de contratar os professores indígenas, os Xakriabá continuaram lutando e tiveram várias pessoas que apoiaram e lutaram junto com eles. Após longas discussões apoiados pelos parceiros, o povo Xakriabá conseguiu tomar posse da sua educação escolar. Ao assumir a educação no território, muitos professores Xakriabá não atuaram em suas próprias aldeias e encontraram dificuldade com relação ao meio de transporte para deslocar da sua própria aldeia até a aldeia onde iam passar seus conhecimentos para os estudantes. No território Xakriabá há longas distâncias entre uma aldeia e outra, muitos desses trajetos eram feitos a pé ou a cavalo e essa dificuldade de deslocamento se intensificava no período chuvoso.

Professores deslocavam-se de uma aldeia para a outra, eu mesmo no ano de 1997 comecei a trabalhar na aldeia Santa Cruz. Em 1998 trabalhei na aldeia Riacho do Brejo e no ano 2001 assumi uma turma de quinta a oitava série na aldeia Brejo Mata Fome junto com o professor José Alves de Barros e depois trabalhei de professor eventual. (Entrevista com José dos Reis Lopes da Silva, janeiro, 2024, transcrição das autoras)

Foram muitas lutas enfrentadas, mas eles não desistiram, persistiram sempre em busca de melhorias para o povo. Apesar das dificuldades, os professores continuaram lutando em busca de melhorias para que a escola tivesse cada vez mais a cara do seu povo. Além disso, mesmo não tendo espaço adequado para praticar as atividades escolares, eles resistiram e reivindicaram para que criassem estruturas adequadas para os estudantes.

5.1 PROGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DE ESCOLAS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS – PIEI/MG

Algumas décadas atrás, o povo Xakriabá tomava a iniciativa no território em lutar para implantar uma educação escolar indígena com professores indígenas e uma educação que atendesse e respeitasse o nosso povo Xakriabá e a nossa vivência. Logo se iniciou grandes reuniões no ano de 1995 com o povo Xakriabá e várias parcerias para fazer a escolha dos primeiros professores indígenas no território. Neste mesmo tempo outros povos indígenas de Minas Gerais faziam esta discussão.

Foi quando a partir de parcerias entre os Povos Indígenas de Minas Gerais, a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE/MG), a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), o Instituto Estadual de Florestas (IEF) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), implementou o Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI). Foi quando teve a garantia pioneira de uma educação escolar indígena e que tinha professores capacitados para dar seguimento nessa longa caminhada, que foi criada através da luta coletiva do povo Xakriabá.

A escola indígena aqui em Minas Gerais, ela quase foi a pioneira. Não a pioneira porque já tinha em alguns estados, já tinham iniciado a educação indígena, então já tava discutindo, trabalhando com as características. Aqui em Minas Gerais essa escola indígena foi a pioneira, a gente também foi a pioneira enquanto a primeira turma de professores, lembrando que hoje já tem várias turmas formadas e outras se formando. (Entrevista com José Nunes de Oliveira, janeiro de 2024, transcrição das autoras)

Com o PIEI/MG deu-se início ao curso modular de formação de professores no Parque Estadual do Rio Doce. No ano de 1996 já iniciaram as viagens para a formação modular onde saíram de seus territórios em torno de 66 indígenas de povos diferentes, sendo 6 Pataxó, 5 Krenak, 10 Maxakali e 45 Xakriabá, todos escolhidos pelas organizações internas de suas comunidades. Assim, começou a trajetória escolar para educadores indígenas no mês de janeiro com o intuito de formar educadores indígenas para atuarem dentro do próprio território,

garantindo professores que realmente entendessem e conhecessem a realidade do próprio povo nas escolas indígenas de Minas Gerais.

Junto com a criação do PIEI/MG surgiram os primeiros professores indígenas Xakriabá com a indicação de caciques e lideranças que são um grupo da organização interna que reúne para tomar as decisões dentro do próprio território. Neste momento o povo Xakriabá contou com a parceria dos envolvidos indígenas e não indígenas, uma delas foi a professora Márcia Spier que atuava na UFMG naquela época. É importante lembrar que estes parceiros estavam também na luta onde enfrentamos várias dificuldades para uma educação específica e diferenciada dentro do território indígena Xakriabá.

Quando surgiu o Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais ela já havia pensado em uma forma de melhorar na área da educação do povo Xakriabá. No ano de 1995 a professora Marcia Spier veio apresentar um projeto das escolas indígenas Xakriabá, embora ela já na expectativa de tudo dar certo. Quando foi no ano de 1995 aconteceu o primeiro seminário do PIEI no Parque Estadual do rio Doce. (Entrevista com Geovana Xakriabá, janeiro 2024, transcrições das autoras)

Em 1995 quando aconteceu o primeiro seminário do PIEI no Parque Estadual do Rio Doce, o cacique Rodrigo Xakriabá e demais lideranças indígenas foram convidadas para participar. Conforme acontece quando os caciques e lideranças saem para reuniões externas, após o retorno dos mesmos para o território, foram realizadas as reuniões com as comunidades xakriabá para apresentar as propostas. A partir daí foi feita a escolha dos primeiros professores indígenas de várias aldeias, onde todos foram cursar o Magistério Indígena com o objetivo de fazer o curso e dar o retorno com os conhecimentos adquiridos em suas comunidades. Essa primeira turma concluiu o curso do magistério no ano de 1999.

Através do Magistério Indígena iniciado no PIEI/MG iniciamos, mesmo com pouca infraestrutura, uma escola para o povo Xakriabá onde na sala de aula tínhamos contato com a natureza e autonomia pedagógica. Os estudantes tinham toda liberdade de se expressar com nossos costumes tradicionais que tem tudo a ver com nossa realidade, alfabetizando com músicas, cantigas de roda, brincadeiras, oficinas de artesanatos, histórias contadas pelos nossos mais velhos, atividades na prática e na oralidade. Tivemos avanços nas práticas pedagógicas e em diversas apropriações de linguagem escrita entre o povo Xakriabá. Foi um avanço muito grande que tivemos na educação escolar indígena Xakriabá.

A gente realmente começou a escola na maioria das comunidades trabalhando debaixo das árvores, porque não tinha a escola, mas logo ali criou uma escolinha. Às vezes não tinha um quadro pra escrever, não tinha cadeira e não tinha infra estrutura

nenhuma, na verdade foi muito precário e muito difícil pra começar as aulas. (Entrevista com José Nunes de Oliveira, janeiro 2024, transcrição das autoras)

A gente teve muitas técnicas de alfabetizar os estudantes, cantando músicas, contando histórias, através da natureza alfabetizar não só com letras, mas também em contato com a terra, costumes e tradições. Não só alfabetizar os estudantes, mas acompanhar no dia a dia, pois é um ponto muito importante na educação implantada dentro do território, um momento bem específico para o povo Xakriabá. (Entrevista com Vanda Xakriabá, janeiro 2024, transcrição das autoras)

Mesmo com esse número de quarenta professores Xakriabá, todos começaram a lecionar na sala de aula quando ainda se encontrava em formação e ao final do primeiro curso a maioria estava lecionando em dois turnos. As aldeias em que trabalhavam eram distantes, mesmo assim os professores estavam presentes todos os dias com os estudantes. Os primeiros professores que cursaram PIEI/MG foram contratados pelo município de São João das Missões em um ano e com muitas lutas das organizações internas e parcerias estes professores foram contratados pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, ainda no decorrer do curso.

No ano de 2000 os caciques e lideranças do povo Xakriabá viram que os professores não estavam dando conta de atender o número grande dos estudantes. Fizeram uma nova reunião para a escolha de novos professores com a formação de turmas novas para cursar o Magistério Indígena, onde já incluíram outros parentes indígenas que não tinham participado da primeira turma, os Kaxixó, Pankararu e Xukuru-kariri essa turma se formou em julho de 2004. Com as demandas e o aumento da população indígena, logo se iniciou uma nova batalha para ingressar novos professores, onde formou a terceira turma que concluiu o curso em 2008.

No início do PIEI/MG a meta era implementar as escolas de primeira à quarta série. No território Xakriabá, com a extensão das séries, foi inevitável não lutar pela implantação da continuidade do Ensino Fundamental. No ano de 2000 teve o início das turmas de 5ª a 8ª séries e cinco anos depois, em 2005, com o aumento de estudantes que agora conseguiam concluir suas trajetórias escolares, implantou o Ensino Médio dentro do território indígena Xakriabá.

De acordo com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, as demandas da educação escolar indígena não paravam de aumentar. Caciques e Lideranças fizeram reunião para a implantação da educação infantil, que deu início no ano de 2008. Já tinham mais de 2.500 estudantes matriculados e mais de 200 professores indígenas atuando em sala de aula. Com o curso concluído do PIEI, alguns professores deram início ao curso do FIEI - Formação Intercultural para Educadores Indígenas -, na Universidade Federal de Minas Gerais. Nesta mesma época já existiam 34 escolas com professores indígenas, formados no magistério indígena e estudando no FIEI na UFMG no mês de setembro de 2004 (MENDES, 2013).

As lutas não foram poucas para a implantação de escolas diferenciadas nos territórios indígenas em Minas Gerais, mas aos poucos foram conquistando os objetivos de cada povo indígena.

5.2 A CRIAÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA INDÍGENA XAKRIABÁ

Aqui vamos falar
Um pouco do povo Xakriabá
Que somos guerreiros
Que nunca cansam de lutar

A escola Bukimujú
Foi a primeira a ser criada
Através de muitas lutas
Para serem diferenciada

Trazendo diversos conhecimentos
Foi a primeira iniciar
Com professores Xakriabá
Aos alunos ensinar

A escola estadual indígena Bukimujú
Foi a primeira a funcionar
Com José Nunes na direção
Dos professores Xakriabá

A escola Bukimujú
Sempre foi a mãe de todas
Apesar das dificuldades encontradas
Incentivou as outras a ser criada

Diante das dificuldades
Para as pessoas estudar
O Cacique Rodrigão e as lideranças
Juntaram para uma reunião
Debater sobre a implantação
Da educação diferenciada no território Xakriabá

O Cacique Rodrigão e as demais lideranças
Foram grandes lutadores
Pois foram eles quem escolheram
As primeiras turmas de professores

É com muita dedicação
Que viemos aqui falar
Da trajetória dos primeiros
Professores Xakriabá

Em mil novecentos e noventa e seis
Muitos professores para o Rio Doce viajaram
Eram aproximadamente quarenta pessoas
Que o Magistério estudaram

Tivemos que dialogar
Com o prefeito que não queria aceitar
Ele dizia que os indígenas
Não era capaz de uma educação ensinar

No ano de mil novecentos e noventa e sete
Cacique e lideranças com a parceria Márcia Spike
Foram até a prefeitura reivindicar
Pois já tínhamos professores Xakriabá
Para nosso povo alfabetizar

Alguns professores eram de menor de idade
Mesmo assim começaram a lecionar
Atuando em salas de aulas
Aos estudantes ensinar

Professores Xakriabá
Vivem de conhecimentos
Através dos nossos sábios
Que nos ensina a cada momento

A educação era uma preocupação
Dos nossos ancestrais
Para ter liberdade
E praticar nossos rituais

A nossa cultura
Tem que ser praticada
Pois é herança dos ancestrais
E tem que ser valorizada

A Saúde e educação
Estão sempre em união
Prestando serviço de qualidade
Com muita dedicação

Hoje temos escolas
Em todas as comunidades
Para as crianças estudarem
E viver com felicidades

Aos caciques e lideranças
Temos muitos que agradecer
Pedimos o pai Tupã

Para sempre os proteger
A esses grandes guerreiros
Que luta até vencer

Antigamente a escola no território não era indígena, os professores moravam fora do território Xakriabá. Estes professores davam aulas para as crianças do território três vezes por semana. Através dos relatos dos primeiros professores Xakriabá, vemos que o ensino com os não indígenas também não atendia às demandas de nossas crianças, que, na maioria das vezes, ficavam prejudicadas em suas aprendizagens.

De acordo com os relatos da professora Geovana Xakriabá, a escola que atuava no território chamava-se Pio XII, do município de Itacarambi, que quer dizer o nome de um Papa de uma igreja católica e centralizava-se na aldeia Brejo Mata Fome. Esse modelo escolar realizava um ensino vinculado às doutrinas cristãs, era nessa escola que as pessoas não indígenas ministravam o ensino aos Xakriabá, transmitindo uma educação totalmente distante da realidade indígena local.

(...) mas as condições não era boa. Os professores que trabalhavam eram brancos, não moravam na reserva indígena Xakriabá. Tinha que deslocar da cidade para atender os alunos. Os alunos ficavam todos prejudicados (Entrevista, Geovana Xakriabá, janeiro 2024, transcrição das autoras)

Além disso, havia uma dificuldade de acesso dos estudantes de outras aldeias à escola por conta da distância e a falta de transporte na época. O ensino, nesse modelo, não respeitava as especificidades da comunidade indígena.

Nesse contexto de dificuldades iniciou-se a luta pela implantação da primeira escola indígena Xakriabá. Segundo os professores que entrevistamos, no ano de 1998 foi criada a Escola Estadual Indígena Xakriabá, centralizada na aldeia Brejo Mata Fome, denominada Escola Estadual Indígena Bukimujú, criada no intuito de transmitir e valorizar os costumes culturais do povo. O ensino de início era ministrado nas estruturas da antiga escola PIO XXI, somente no ano de 2002, foi construída as estruturas elaboradas a partir das demandas da comunidade.



Figura 11: Foto do primeiro Diretor da Escola Estadual Indígena Bukimujú (José Nunes de Oliveira), na inauguração da primeira escola a ser criada dentro do Território Indígena Xakriabá na aldeia Brejo Mata Fome (acervo pessoal Verônica Mendes, Dezembro, 2002)



Figura 12: Primeira Escola construída no território Xakriabá (PIO XXI). Fotografia: Geovane Xakriabá, abril, 2024.



Figura 13: Escola Estadual Indígena Bukimujú, atualmente, criada a partir das demandas do povo Xakriabá. Fotografia: Nemerson Xakriabá (Psêkwa), 2023.

A educação escolar indígena começou a ser realizada de forma diferenciada, com atuação de professores indígenas. A professora (Vanda Xakriabá), comenta que o povo ansiava por um modelo escolar que correspondia às demandas reais da comunidade:

(...) a gente queria uma escola que atendesse à demanda nossa, específica e diferenciada, e foi aí quando nós sentamos para poder resolver a questão do projeto arquitetônico da escola. Aí resolvemos reunir um pouco e trazer aquela escola que realmente atendesse à expectativa do nosso povo, porque a gente vivia naquela escola onde era toda fechada, aquela escola que parecia mais um presídio que uma escola para nós.

(...) Eu me lembro que foi nós mesmos que sentamos e começamos a organizar a forma que a gente queria a escola tão sonhada e que a gente desejava (Entrevista, Vanda Xakriabá, janeiro 2024, transcrição das autoras).

Com a presença dos professores indígenas na construção de uma educação diferenciada, o currículo escolar começou a se organizar a partir dos conhecimentos próprios do nosso povo Xakriabá, que é tradicional, além dos conhecimentos do mundo ocidental. O currículo do Ensino Fundamental é composto pela base nacional comum curricular e pela parte diversificada. As disciplinas da base nacional comum, Português, Matemática, Ciências, Geografia, História e Educação Física, são desenvolvidas junto ao conteúdo de cultura. As disciplinas diversificadas são: Cultura Xakriabá, Artes e Uso do Território. Na Educação Infantil, o currículo é composto pelos seguintes eixos de trabalhos: Identidade, Autonomia, Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagens oral e escrita, Natureza, Sociedade, Matemática e as aulas de Ensino Religioso.

Outro aspecto importante da criação da escola foi a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Indígena Bukimujú, no ano de 1998, com a participação de toda a comunidade Xakriabá. Segundo o documento a escola se organiza de acordo com os seguintes princípios norteadores:

- Entre os povos indígenas, a educação se assenta em princípios que lhes são próprios, dentre os quais:
- Uma visão de sociedade que transcende as relações entre humanos e admite diversos “seres” e forças da natureza com os quais estabelecem relações de cooperação e intercâmbio a fim de adquirir e assegurar determinadas qualidades;
- Valores e procedimentos próprios de sociedades originalmente orais, menos marcadas por profundas desigualdades internas, mais articuladas pela obrigação da reciprocidade entre os grupos que as integram;
- Noções próprias, culturalmente formuladas da pessoa humana e dos seus atributos, capacidades e qualidades;

- Formação de crianças e jovens como processo integrado; apesar de suas inúmeras particularidades, uma característica comum às sociedades indígenas é que cada experiência cognitiva e afetiva carrega múltiplos significados econômicos, sociais, técnicos, rituais, cosmológicos.

No início, a escola funcionava com as turmas do Ensino Fundamental I e com muitas demandas iniciou o Ensino Fundamental II no ano de 2000. Posteriormente, neste mesmo ano através das lutas, veio a conquista do contrato de Professor de Cultura e a implantação do Ensino Médio no ano de 2005. De acordo com José dos Reis da aldeia Pedra Redonda:

No ano de 1998, conseguimos passar a escola para o Estado. Nessa época ainda não tinha assinado a Cultura [como disciplina no currículo escolar], era contratado com a disciplina “Uso do território”. (...) essa disciplina fazia parte do currículo da escola. Só depois de muita discussão com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, conseguimos implantar a disciplina de Cultura nas escolas indígenas de Minas, pois a disciplina não era reconhecida pelo Estado. O primeiro professor de cultura contratado foi o senhor Emílio (Entrevista, José dos Reis, janeiro 2024, transcrição das autoras).

Atualmente o Território Xakriabá possui 11 escolas sede com seus segundos endereços vinculados a estas, são 32 segundos endereços. As escolas sede estão localizadas em 11 aldeias diferentes, sendo elas: Aldeia Brejo Mata Fome, Barreiro, Sumaré 1, Sumaré 2, Caatinginha, Riacho dos Buritis, Riacho do Brejo, Prata, Itapicurú, Morro Falhado, Tenda (Rancharia). Essas escolas atendem as demandas centrais relacionadas à educação dentro do território realizando os repasses necessários para as escolas anexas/vinculadas, conforme quadro a seguir:

Escolas Sede	Escolas Vinculadas
EEI Bukimuju (Aldeia Brejo)	Pedra Redonda, Imbaúba 1, Terra Preta, Imbaúba 2, Riachão, Riachinho, Olhos Dragão (sete escolas vinculadas)
EEI Xukurank (Aldeia Barreiro Preto)	Veredinha, Brejinho, Olhos d’água (três escolas vinculadas)

EEI Manbuka (Aldeia Morro Falhado)	Barra 1, Barra 2, Barra 3, Barreiro Cedros (quatro escolas vinculadas)
EEI Oyatomorim (Aldeia prata)	Riacho Comprido (uma escola vinculada)
EEI Manykã (Aldeia Riacho do brejo)	Não tem escola vinculada
EEI Kuhinã (Rancharia - Aldeia Tenda)	Morro Vermelho, Boqueirão (duas escolas vinculadas)
EEI Bukikai (Aldeia Itapicuru 2)	Santa Cruz, Sapé, São Domingos, Itapicuru 1, Galpão da Aldeia Santa Cruz (cinco escolas vinculadas)
EEI Aldeia Caatinginha	Custódio (uma escola vinculada)
EEI Aldeia Sumaré 1	Sumaré 3 (uma escola vinculada)
EEI Aldeia Sumaré 2	Vargens, Peruaçu, Caraíbas (três escolas vinculadas)
EEI Aldeia Riacho dos Buritis	Pindaíba, Forges, Itacarambzinho, Poções, Pedrinhas (cinco escolas vinculadas)

Desenhos da memória da vida escolar na Escola Indígena Xakriabá:



Figura 14: Estudantes no trajeto de suas casas para a escola. Desenho de Naiara Paulo Santiago, janeiro, 2024.



Figura 15: Estudantes com seus meios de transporte de antigamente a cavalo e a pé. Desenho de Naiara Paulo Santiago, janeiro, 2024.



Figura 16: A escola de pau a pique coberta de capim sapé e a professora desenvolvendo uma aula. Desenho de Odete Paulo Santiago, janeiro, 2024.



Figura 17: De quando iniciou as escolas indígenas dentro do Território Xakriabá. Uma aula debaixo das árvores onde os estudantes sentavam nas esteiras e bancos de madeiras, essas aulas aconteciam na oralidade. Desenho de Odete Paulo Santiago, janeiro, 2024.



Figura 18: Estudante indo pra escola com seus materiais didáticos. Desenho de Naiara Paulo Santiago janeiro, 2024.

6. “HERANÇA DE ÍNDIO⁵ É LUTA”: OS DESAFIOS DA ESCOLA XAKRIABÁ HOJE

A frase que dá nome a este capítulo é de Sr. Valdemar Xakriabá da Aldeia Prata, liderança, ancião, sábio e Professor de Cultura e de Território de todos os professores e jovens Xakriabá. Como um grande contador de histórias, o Sr. Valdemar traz em suas palavras de sabedoria este ensinamento, de que a nossa herança é lutar sempre pelos nossos direitos, mesmo aqueles que pensamos que já estão assegurados. Nos dias atuais podemos dizer que a educação escolar no território Xakriabá foi implementada, mas continua fazendo parte da luta, pois existem uma série de direitos educacionais sendo violados desde a criação da escola Xakriabá.

No ano de 2023, após uma série de diálogos feitos há anos com a Secretaria de Estado da Educação e a Superintendência de Ensino, no campo dos direitos garantidos da educação escolar indígena que vale para todo o país, foi realizada uma mobilização pelo Movimento Indígena Xakriabá e representantes da educação escolar no território em parceria com a FUNAI para pensar formas de diálogo e escuta destes órgãos. Neste mesmo ano foi elaborado coletivamente pelo povo Xakriabá junto a FUNAI um documento com objetivo de construir um manual de gestão escolar para aprimorar o atendimento e funcionamento da educação escolar indígena em Minas Gerais, tendo em vista a realidade e especificidade de cada povo.

Neste documento, intitulado “Violação dos Direitos Educacionais⁶” estão elencadas algumas temáticas que se configuram em desafios e demandas importantes para se pensar a organização escolar Xakriabá. Entre os vários temas presentes na discussão destacam-se principalmente a falta de diálogo entre a Secretaria Regional de Educação (SRE) e as escolas indígenas, fazendo com que suas reivindicações não sejam atendidas de forma efetiva, ou seja, mais próxima à realidade do povo.

Com relação aos desafios o documento ressalta a falta de apoio e investimento para a elaboração de materiais didáticos produzidos pelos próprios moradores das comunidades, recursos para estrutura física, garantia de transportes para os estudantes, e o cumprimento das demandas específicas do povo no que se refere a uma educação de fato diferenciada e adequada às necessidades reais das aldeias. Uma educação diferenciada, dentro da vivência Xakriabá, implica uma maior valorização para os saberes tradicionais, nesse sentido, torna-se importante que o estado cumpra com seu papel, ou seja, garanta os recursos necessários para que a

⁵ Atualmente o movimento nacional dos povos originários reivindica politicamente o uso da palavra “Indígena” ao se referir aos povos originários, entretanto, preferimos manter a frase que dá título a esse capítulo da forma que foi originalmente falada pela liderança Xakriabá.

⁶ Este documento encontra-se em debate, pois existem algumas demandas que ainda não foram contempladas.

educação escolar indígena seja realizada com qualidade, cumprindo direitos como a Lei 22.445-MG, que cria a categoria da escola indígena em Minas Gerais, resguardando a autonomia organizacional do povo.

Outro ponto interessante, não só no documento, mas que tem gerado diversas reflexões entre os professores indígenas diz respeito a garantia de uma formação continuada, pois a formação docente tem se tornado um grande avanço para os povos indígenas, e ao mesmo tempo torna-se também um desafio. Avanço no que se refere a oportunidade de ter um diploma de formação superior e desafio quando se pensa na garantia e oferta de uma continuidade acadêmica, no que tange as especializações ou cursos de mestrado e doutorado que realmente atendam as especificidades dos professores indígenas.

Além disso, o documento destaca que existe uma desvalorização nacional acerca da figura do professor, que tem como consequência a falta de investimento na profissão e o não reconhecimento dos profissionais da educação escolar indígena, como elucida Monteiro; Vaz; Mota (2022) “(...) atualmente os professores sofrem um desprestígio social, porque possuem salários baixos e falta de reconhecimento (p.10)”. Essa falta de reconhecimento a nível nacional impacta diretamente na educação indígena, pois, existem especificidades na prática profissional nos territórios indígenas que exigem um maior investimento político e financeiro que muitas vezes não são reconhecidos no que se refere às competências estaduais e federais, fazendo com que muitas vezes as escolas indígenas funcionem de forma precária, ou seja, com o pouco recurso disponível.

Diante disso tudo o povo Xakriabá tem se mobilizado através da participação nos debates internos, realizando reuniões com os caciques, lideranças, professores, comunidade indígena em geral, órgãos competentes da educação no âmbito regional, estadual e nacional (Secretaria Regional de Educação-SRE, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE MG, Ministério da Educação- MEC) junto a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

As reuniões têm como objetivo colocar em debate as demandas com relação à educação escolar indígena, além de pensar possíveis soluções para os desafios que vêm surgindo no território e ainda cobrar apoio e direitos aos órgãos competentes.

Esta luta é de todos os povos indígenas e o diálogo tem sido feito também através do Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena (FNEEI) para a garantia dos direitos e expansão do atendimento escolar com a continuidade dos estudos e valorização dos profissionais da educação em todos os níveis de ensino.

Vale ressaltar que a garantia dos direitos indígenas, que implicam também na educação indígena, pode ser encontrada na Convenção nº 169 da OIT sobre povos indígenas e tribais e nos artigos 231/232 da Constituição Federal que garantem e reconhecem aos povos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições (BRASIL, 1990). Esses direitos incidem diretamente na forma de organização da educação escolar indígena, garantindo a educação indígena diferenciada, respeitando as formas de organizações próprias dos povos originários.

As demandas e as lutas atuais do povo Xakriabá no campo da educação escolar indígena seguem orientadas também pelas leis que regem a educação no país. As Diretrizes que norteiam a educação escolar indígena estão presentes na LDB/96 (Lei de Diretrizes de Base da Educação Brasileira) e também podem ser encontradas no Projeto Político Pedagógico (PPP) presentes em cada escola indígena. Alguns dos artigos mais importantes da LDB para a garantia de uma educação diferenciada, correspondem aos citados abaixo:

§ 3º do artigo 32, "assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem"

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

Nesse sentido, é possível afirmar que existem documentos que comprovam os direitos referentes à educação escolar indígena diferenciada, entretanto, ainda existem dificuldades para uma execução desses direitos na prática efetivamente. Essa dificuldade mostra-se através do pouco diálogo estabelecido entre os órgãos competentes e a organização indígena, como ilustra o documento “ Violação dos Direitos Educacionais”, elaborado pelo povo Xakriabá, já

apresentado neste capítulo, onde constatou-se que existe uma “ Falta de informação e diálogo da SRE e Conselho Estadual de Educação com as escolas e as organizações indígenas” (Xakriabá, 2023). Portanto, reafirmamos a frase que dá início a este capítulo “HERANÇA DE ÍNDIO É LUTA”, por isso o povo Xakriabá segue lutando pela garantia dos direitos educacionais dando seguimento a nossa herança, na esperança de um futuro melhor para as novas gerações, com uma educação diferenciada e de qualidade.

6.1. NOSSAS MEMÓRIAS DE ESTUDANTES DENTRO E FORA DO TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ.

Adeilza Xakriabá

É com muita emoção que agora vou registrar
Um pouquinho da minha vida escolar,
Que tive o privilégio de estudar
A primeira vez com os primeiros professores Xakriabá,
No ano de 2003, que é um prazer poder compartilhar,
Além da memória que eu tenho da vivência
Que nem um tempo é capaz de apagar.

Meu nome é Adeilza Ferreira da Silva Gonçalves, atualmente tenho 36 anos. Iniciei meus estudos na escola da comunidade do Sabonete, no ano de 1997. O motivo porque eu estudava lá? Eu morava na aldeia São Domingos, não tinha implementado a escola indígena e a escola do Sabonete era a escola mais próxima da minha casa nessa época. Meus pais me colocaram na escola não indígena para que eu não ficasse fora da escola. Eu estudei da primeira série do Ensino Fundamental I até a sexta série do Fundamental II na escola fora do território Xakriabá onde eu convivia com os não indígenas. Muitas vezes eu e mais dois colegas sofremos muito preconceito por parte dos não indígenas. Porque a gente era indígena nos colocavam apelidos pejorativos.

Já no ano de 2003 que eu passei para a sétima série, as condições dos meus pais eram bem poucas para comprar os materiais que a escola exigia (roupas, chinelos exigidos). Para continuar meus estudos fui morar na aldeia Brejo Mata Fome e pedi a alguns conhecidos/parentes para que eu ficasse na casa deles durante a semana enquanto estudava. Minha mãe veio para casa do cacique Sr. Rodrigo e foi ele mesmo quem indicou um morador da aldeia Brejo Mata Fome onde eu me alojei durante o período letivo. Nesse mesmo dia a minha mãe fez a minha matrícula na escola e eu fiquei na casa do Senhor Saturnino e Dona

Maria, onde eu estudava durante a semana. No final de semana minha irmã vinha me buscar de cavalo para a casa da minha mãe na aldeia São Domingos. Fiz esse trajeto durante seis meses.

Eu tinha 16 anos de idade quando iniciei na sétima série, oitavo ano atualmente. Tudo para mim era novo, era a primeira vez que estudava com os parentes professores e colegas indígenas. Comecei a estudar com muita força de Tupã, enfrentei com a cara e a coragem as dificuldades que surgiam durante esse processo. Um ponto importante também foi o apoio da comunidade que me acolheu muito bem, com muito carinho. Eu me sentia bem melhor estudando no meu território indígena Xakriabá com meus parentes.

Minhas primeiras professoras foram Elizabete Gomes Carneiro e Geovana Paulo Santiago. Elas me ensinavam com paciência e meus colegas me ajudavam bastante nas atividades. Tudo para mim era novidade, eu me sentia feliz em aprender, poder expressar sobre o meu cotidiano e o do meu povo Xakriabá. Os professores indígenas tinham conteúdos bem produtivos onde a gente poderia compartilhar os aprendizados e praticar as brincadeiras indígenas: contação de histórias, cantigas de rodas e versos, além de confeccionar nossos adereços como brincos de penas, colares, pulseiras, entre outros. Para isso, usavam como metodologia a realização de pesquisas com os nossos anciões e comunidade.

Durante uns três anos, quando morei na aldeia Brejo Mata Fome, trabalhava em casa de família e estudava. Já no ano de 2006 me casei e vim morar na Aldeia Imbaúba II. Continuei estudando, fazia um trajeto de quatro quilômetros toda a noite a pé com alguns colegas, e no ano seguinte, em 2007, concluí o Ensino Médio na Aldeia Brejo Mata Fome. Não foi fácil, mas não desisti de meus estudos. No ano de 2008, surgiu uma vaga de professora na Aldeia Brejo Mata Fome onde o cacique Liderança e Comunidade me apoiou para atuar como professora.

Fiquei tão feliz porque era o meu sonho ser professora! Em fevereiro de 2008, iniciei na sala de aula, onde eu atuava à tarde com a turma de primeira série, que hoje é o segundo ano do Ensino Fundamental. Todos os dias eu descia as onze horas da manhã a pé fazendo a longa caminhada para dar aula para os meus alunos. Para adquirir mais experiência fiquei durante seis meses estagiando no período da manhã na Aldeia Imbaúba II com a professora Geovana. Assim, eu estagiava no período da manhã e trabalhava no período da tarde na aldeia Brejo Mata Fome. Adquirit várias experiências riquíssimas, como métodos de alfabetizar meus alunos cantando e contando histórias, além de realizar brincadeiras com as letras do alfabeto e músicas indígenas e também cantigas de roda. Logo meus alunos aprenderam a ler e escrever, desenvolvendo bastante nas aulas. Tenho uma imensa gratidão pelas experiências que a professora Giovana compartilhou comigo.

No ano seguinte, em 2009, surgiram vagas de professores na minha aldeia Imbaúba II, onde a liderança e comunidade me escolheram para atuar. Foi uma bênção do pai Tupã trabalhar perto de casa, comecei a trabalhar com os estudantes dos Anos Iniciais, todos eram bem dedicados, pais bem presentes na vida escolar dos alunos. Desde essa época estou até hoje atuando na sala de aula na minha própria aldeia, um privilégio para mim.

Com os estudantes desenvolvo vários conteúdos que tem no Projeto Político Pedagógico da escola (PPP): Histórias do nosso povo, adivinhas, cantigas de roda, versos, músicas indígenas, confecções de artesanatos, plantio da roça, rezados, poesias, visita as nascentes, as grutas e outros ambientes naturais do território. Algumas metodologias usadas para trabalhar esses conteúdos são as rodas de conversas e pesquisas com os sábios, anciões e a comunidade.

Em relação à prática cotidiana escolar existe a dificuldade para acesso ao material pedagógico adequado para o desenvolvimento das atividades, além da falta de capacitação adequada para execução das atividades educativas de forma efetiva, dificultando o trabalho docente.

A Escola Indígena é uma experiência que eu vou sempre levar para a minha vida, os compartilhamentos e aprendizados que adquiri no período de estudante. A minha trajetória na escola Xakriabá reforçou meu sonho de ser uma professora indígena porque minhas primeiras professoras me fizeram sentir que ser professor é ser um parceiro de seus estudos, fazer o estudante sonhar com um futuro lindo e melhor, ajudando o povo a lutar pelos nossos direitos e objetivos do bem-viver. Nesse sentido, os caciques, lideranças, pajés e anciões, sempre serão meus maiores ídolos de ensinamentos porque eles são nossos livros vivos.

Atualmente tenho dois filhos, ambos estudam na escola indígena Xakriabá, um no sexto ano e outro no segundo período da Educação Infantil. Eu e meu esposo sempre orientamos os nossos filhos a estudar e dar valor aos professores, caciques, lideranças, anciões e comunidade. Ressaltamos que tudo o que a escola ensina é para o futuro deles, portanto, devem respeitar esse espaço e seus ensinamentos porque um dia tudo isso irá orientá-los nos caminhos em que cada um deles devem seguir. O que eles aprendem ficarão sempre com eles e através dos estudos irão construir um futuro dando seguimento às lutas do nosso povo Xakriabá.

Como professora, penso que uns dez anos atrás os estudantes se dedicavam mais às atividades propostas pelos professores. Os pais tinham mais domínio de seus filhos, não deixavam faltar as aulas, ajudavam em tarefas de casa, participavam mais na vida escolar dos seus filhos. Atualmente, existem notáveis desafios para os estudantes que perdem o interesse pelos próprios estudos, como: a baixa autoestima dos alunos, desmotivação, falta de dedicação às aulas, falta de incentivo por parte de alguns pais, problemas de alcoolismo nas famílias,

alguns problemas de saúde nos alunos, além da chegada das tecnologias, pois às vezes os estudantes deixam as aulas pra ficar nos jogos on-line, entre outras distrações.

Como professores estamos enfrentando grandes desafios, procuramos fazer de tudo para o desenvolvimento dos estudantes. Realizamos aulas com metodologias orais e dinâmicas para os alunos dialogarem. Propondo trocas de experiências, e mesmo assim, os estudantes às vezes estão desmotivados. O papel de professor vai além das quatro paredes porque somos pais, médicos, psicólogos, amigos, tudo que o estudante precisa somos para ele, o professor realiza papéis importantes na vida de cada estudante.

Entretanto, ser professor atualmente é complicado porque o professor não tem a valorização que merece. O professor é a porta de todas as profissões. Todas as outras profissões têm que passar pela sala de aula, tudo começa pelo professor, mas poucos reconhecem a sua importância. O educador escolar está sendo deixado de lado. Por isso muitos estão trocando de profissão porque não temos a valorização que merecemos. Ser professor é a profissão das profissões.

Por aqui vou parar, foi um imenso prazer
Poder compartilhar as experiências
Que eu tive como estudante
Dos primeiros Professores Xakriabá.

Edvânia

Sou Edvânia Lopes dos Santos Oliveira, tenho 36 anos, morei na Aldeia Riacho do Brejo e atualmente resido na aldeia Imbaúba II, município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais.

No ano de 1997 comecei a minha trajetória escolar com os primeiros professores indígenas Xakriabá na escola específica e diferenciada. Comecei a estudar com o professor José Alves de Barros, morador da aldeia Riacho do Brejo onde a escola residia, ele foi até a casa dos meus pais falar que a escola indígena iria dar início. Foi quando colocaram eu e meus irmãos para estudar, e o professor José Alves explicou um pouco que a escola ia iniciar, mas na verdade iria dar segmento com o pouco que tinha, pois naquela época ainda não tínhamos espaço físico e material didático adequado para as aulas.

Para iniciarmos, encontrei vários desafios, um deles foi o fato dos meus pais não terem condições de comprar materiais didáticos para mim e nem para meus irmãos. Às vezes a gente escrevia em folhas que o professor oferecia e levava os materiais que tinha em saquinhos de

arroz. A escola não tinha espaço adequado para acomodar todos os alunos, sentávamos nas esteiras e nos bancos, pois eram estes os acentos que substituíam as cadeiras. Tudo era muito difícil, eu e meus irmãos tínhamos que ir a pé para a escola todos os dias, era muito complicado, enfrentamos diversas batalhas nessa trajetória.

As aulas aconteciam debaixo das árvores e eram mais na oralidade, através dessa metodologia tive a oportunidade de aprender vários cantos indígenas, brincadeiras e várias atividades que tinham tudo a ver com as nossas próprias realidades. O professor tratava os estudantes com muito carinho, tinha um diálogo muito bom com todas as turmas e ensinavam muito bem.

As aulas eram trabalhadas com músicas, alfabetizavam cantando. Havia o momento de ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, além de desenhos, artesanatos e brinquedos de barros, versos e adivinhas. Esses conteúdos estão elencados dentro das nossas escolas indígenas diferenciadas, onde trabalhavam e (ainda se trabalha) o calendário sociocultural que são disciplinas que tem a ver com as nossas realidades.

Eu gostava muito das aulas, todos dividiam suas dificuldades juntos, enfrentamos inúmeras dificuldades, mas nunca fugimos da luta, fomos fortes e guerreiros em busca de um só objetivo, sempre pensando em melhorias para nossas comunidades. E assim fui alfabetizada da melhor forma possível, aprendi muitas coisas boas com os primeiros professores indígenas que vou levar pra vida toda. Vivenciei momentos que me fizeram refletir que diante de tantas dificuldades, persistimos firmes nessa caminhada e hoje sou grata por tudo e pela pessoa que me tornei. Sou fruto do que aprendi com os professores indígenas Xakriabá que sempre passaram conhecimentos riquíssimos, valorizando nossos costumes culturais, crenças e tradições que estão incluídos dentro das escolas indígenas Xakriabá.

Sou professora desde o ano de 2016, atuo na educação escolar indígena da aldeia Imbaúba. Enquanto professora, trabalho conteúdos que estão incluídos no projeto pedagógico da escola e que são patrimônio cultural Xakriabá, que são compostos por grande diversidade, adquiridas pelos nossos anciões, como exemplo: Rezados, cantigas de rodas, artesanatos, rituais culturais, São Gonçalo, Folia de Reis, pinturas corporais, histórias, desenhos, músicas, brincadeiras e versos/loas. Além disso, realizamos a preparação para as comemorações do dia dos povos indígenas (19 de abril), dia das mães, dia dos pais e das crianças.

Existem também vários outros conteúdos que são trabalhados com os estudantes como: as fases da lua, medidas/ quantidades das sementes, instruções para o plantio tradicional das roças e plantas medicinais, comidas típicas. Também acompanho as aulas de cultura, e realizamos visitas às nascentes junto à comunidade. Para execução dessas atividades são

realizadas pesquisas com os mais velhos (anciãos), e a prática é inspirada através dessas metodologias ativas, considerando sempre as práticas Xakriabá, isto é, uma metodologia tradicional indígena, valorizando principalmente o ensino através da oralidade.

Todas essas disciplinas são trabalhadas também dentro da sala de aula com os estudantes. Essa experiência vai muito além, porque aprendemos muitos ensinamentos, e geramos muitos aprendizados em uma troca de experiência mútua.

Como professora observo que nos dias atuais os estudantes estão um pouco desligados nas escolas ou até mesmo nas atividades que são aplicadas. Às vezes paro e penso: - Será que é a televisão ou celular que deixam eles desligados das coisas boas que a escola tem para oferecer? É preciso que a juventude reflita que nesses espaços são trabalhados vários conteúdos com metodologias diferentes necessários e importantes do nosso povo, é dentro das salas de aulas que são transmitidos também os conhecimentos das nossas próprias realidades. É no espaço da escola que os grupos de professores, caciques e lideranças, direção escolar, comunidades, pais de alunos e até as pessoas mais velhas se reúnem para dar conselhos a essa juventude de hoje.

Hoje entendo que ser professora é carregar uma bagagem de experiências que devem ser cumpridas com deveres de ensinar e ao mesmo tempo aprender novos conhecimentos que são adquiridos e devem ser compartilhados. Ser educador é um ato que vai muito além, pois todas as profissões que tem hoje passam primeiramente pelo professor. Essa profissão de professor deveria ser mais valorizada, é uma responsabilidade muito grande que temos que enfrentar, mas sempre sigo em frente passando meus conhecimentos adquiridos para meus estudantes.

Cleonice Paula Santiago Oliveira

Sou Cleonice Paula Santiago de Oliveira tenho 39 anos de idade, moro na aldeia Imbaúba, Terra Indígena Xakriabá, município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais. A minha trajetória escolar começou no ano de 1997, com os primeiros professores indígenas Xakriabá.

A minha primeira professora indígena foi Vanilde Gonçalves de Deus Araújo, moradora da aldeia Brejo Mata Fome. Ela era uma excelente professora e dialogava muito bem com todos os estudantes. As aulas não chegaram a acontecer debaixo de pé de árvores como aconteceu em várias outras aldeias porque na aldeia Brejo já tinha uma escola do município que já funcionava. Essa escola tinha duas salas e um pequeno quartinho onde guardava os materiais didáticos, tinha

também uma casa de farinheira que funcionava como sala de aula, então, dava muito bem para acomodar todos os estudantes. Com o passar dos anos foi construída a nossa escola indígena e diferenciada, escola essa que pra nós indígena foi uma alegria e um sonho realizado.

Ter sido aluna dos primeiros professores indígenas para mim é muito gratificante e agradeço também aqueles professores que fizeram parte da minha vida escolar, esses aprendizados que adquiri com cada um deles jamais esquecerei. Esses professores batalharam muito por uma educação específica e diferenciada, foram anos de lutas para conquistar melhorias para o nosso povo.

Atualmente trabalho como professora desde o início do ano 2009, na minha aldeia Imbaúba, onde passo os meus conhecimentos para meus estudantes e também aprendo muito com eles. Em minhas aulas são aplicadas diversos conteúdos que contemplam a cultura indígena Xakriabá, como: Cantigas de rodas, versos, adivinhas, histórias contadas pelos mais velhos, histórias de luta do povo indígena, meios de sobrevivências das famílias Xakriabá, formas de organização interna, entre outros.

Para ministrar esses conteúdos são realizadas pesquisas com os mais velhos da aldeia, rodas de conversas, participação de eventos culturais, entre outras atividades que se caracterizam enquanto metodologias de ensino do povo Xakriabá.

Pensando um pouco como era antes, eu como professora observo que nos dias atuais alguns estudantes estão demonstrando muito interesse para as atividades que estão sendo aplicadas pelos professores. Às vezes fico me perguntando: “- O que está acontecendo? Será que a tecnologia está afetando tanto a vida desses estudantes? ” Então, são coisas que a gente se preocupa bastante. Imagina a gente como professora, chega para trabalhar em uma sala de aula aplicando uma atividade que demorou horas e horas para elaborar, depois o estudante nem se quer dar atenção como se não tivesse importância alguma? É muito triste, mas é uma realidade que estamos vivenciando nesse mundo atual, talvez isso deva-se aos diversos aparelhos tecnológicos dentro das aldeias, que desviam a atenção dos nossos estudantes ou também aos materiais didáticos muitas vezes longe da realidade local.

Então fico refletindo que no meu tempo a gente passava dificuldade, mas era feliz com o pouco que tinha. Às vezes por causa das condições não conseguia desenvolver as atividades propostas pelos professores e muitas das vezes éramos julgados sem saber o que de fato acontecia. Apesar de tantas dificuldades a gente não desistiu, seguiu adiante pois tinha muito interesse nas atividades aplicadas. Acredito sim que os pais de antigamente não eram muito flexíveis como nos dias atuais, mas também desenvolviam uma criação/educação pautada principalmente na oralidade e práticas tradicionais, hoje a criação é totalmente diferente nem

se compara com a de antes, a vida tem se acelerado devido às tecnologias e exigências de afazeres sobre uma cronologia diferentes de antigamente. Hoje em dia está tudo mudado e é difícil lidar com alguns desses jovens que às vezes não conseguem se apropriar tanto da tradição devido às distrações tecnológicas externas à comunidade.

6.2. Como os estudantes veem a escola na atualidade?

Buscamos abordar neste espaço alguns relatos de estudantes Xakriabá sobre sua trajetória escolar dentro do território e na escola indígena, também ouvimos sobre a vida escolar de cada um na atualidade. Procuramos perceber o ponto de vista destes estudantes com o objetivo de refletir como caminha a educação escolar indígena a partir também do olhar dos alunos de hoje. Para isso realizamos a escuta de três estudantes de diferentes etapas do Ensino Fundamental e Médio. Compreendemos que a caminhada da educação como luta é também um processo de escuta constante para a reflexão e ação de continuidades, avanços e transformações necessárias neste processo. Assim, seguem os relatos dos estudantes.

Caio Henrique Gonçalves de Oliveira



Figura 19: Caio Henrique Gonçalves de Oliveira, estudante Xakriabá. Fotografia: Arquivo pessoal da autora Edvânia Lopes dos Santos Oliveira, julho, 2024.

Sou Caio Henrique Gonçalves de Oliveira, tenho 13 anos de idade e moro na Aldeia Imbaúba, município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais. Desde quando nasci que resido nessa aldeia. Aos 4 anos de idade comecei a estudar na escola da Aldeia Imbaúba, meus pais sempre me ajudaram nos meus estudos dando roupa, calçados, materiais didáticos e conselhos para serem um bom aluno.

Sempre estudei com professores da aldeia Imbaúba, território indígena Xakriabá conhecendo e valorizando os nossos costumes culturais com diversos ensinamentos e brincadeiras que são praticadas na nossa escola: cantigas de rodas, adivinhas, versos, poesia, mensagens, músicas, corrida do maracá, cabo de guerra, corta bandeira, queimada e várias outras brincadeiras e jogos Xakriabá e atividades que estão englobados dentro das disciplinas da escola específica e diferenciada, que me ensina várias coisas boas. Eu estou aprendendo muito com os meus professores que têm conhecimentos riquíssimos para contribuir com os alunos e isso só me faz evoluir diante da minha caminhada.

Atualmente estou estudando o 8º ano do Ensino Fundamental II, estou indo para a adolescência e estou encontrando alguns desafios pela frente. A parte da tecnologia como o celular, televisão que vem influenciando e me deixando um pouco desligado das atividades que os professores passam na sala de aula, às vezes está dando um impacto muito grande na sala de aula. Tem alguns coleguinhas também que vão para escola e às vezes fica desligado em aprender o que os professores têm de melhor para ensinar para os estudantes, mas meus pais sempre me aconselham a ter bons comportamentos e respeitar os professores na escola. Sempre tive interesse em estudar, mas hoje está um pouco diferente de quando iniciei, mas diante dos conselhos dos meus pais eu estou me esforçando para ser um bom estudante.

Isly Rianny da Silva Gonçalves

Meu nome é Isly Rianny da Silva Gonçalves, tenho 12 anos, estudo na Escola Estadual Indígena Bukimujú, moro na Aldeia Imbaúba II, no território indígena Xakriabá, norte de Minas Gerais, município de São João das Missões. Iniciei meus estudos aos 4 anos de idade e atualmente estudo o sexto ano do Ensino Fundamental II.



Figura 20: Isly Rianny da Silva Gonçalves, estudante Xakriabá. Fotografia: Arquivo pessoal da autora Adeilza Ferreira da Silva Gonçalves, abril, 2022.

Minhas ideias sobre a escola hoje? A maioria das aulas são orais e estudo várias disciplinas que são voltadas a realidade do nosso povo, como Cultura, Artes Xakriabá e Brincadeiras Xakriabá. Atualmente a escola está bem modernizada com os avanços da tecnologia, às vezes tem uns colegas sem vontade de aprender o que os professores ensinam para o bem próprio de cada estudante se preparando para o futuro.

A escola é um conjunto de pais, professores, lideranças, caciques e anciões que têm um papel fundamental na vida de cada um de nós estudantes aprendendo como se comportar como um cidadão quais são os direitos e deveres de cada ser humano. Como estudante eu aprendi com a história dos antepassados que devemos lutar pelo bem do povo Xakriabá, porque somos nós que devemos continuar a luta dos nossos ancestrais, que deixaram um legado de continuar firme pelos objetivos do povo Xakriabá.

Tchelly Santiago de Oliveira



Figura 21: Tchelly Santiago Oliveira, estudante Xakriabá. Fotografia: Arquivo pessoal, Tchelly Oliveira, dezembro, 2023.

O meu nome é Tchelly Santiago de Oliveira, tenho 15 anos de idade, nasci na aldeia Imbaúba e até hoje moro nessa mesma aldeia, nunca saí fora do território. Comecei a estudar com 5 anos de idade com professores indígenas da própria aldeia. Durante esse tempo aprendi a ler e escrever com facilidade, aprendi a cantar as músicas da nossa cultura, passei a entender sobre as pinturas corporais e a maneira de como a mesma deve ser usada. Aprendi bastante sobre a medicina tradicional e a importância dela para nosso povo Xakriabá e para que são utilizados.

Esse ano já estou estudando no primeiro ano do Ensino Médio, porém em outra aldeia, porque na aldeia Imbaúba, não funciona o Ensino Médio. E assim a cada dia posso dizer que aprendo mais, isso é muito bom e me motiva a seguir adiante nos meus estudos.

Na minha opinião a escola de hoje está muito bem pelo fato de ser escola diferenciada e também com os próprios professores indígenas. Acredito que a gente tem avançado bastante nos aprendizados. Graças a Deus temos nossos professores de dentro do próprio território que são competentes trabalham com muita paciência e dedicação para nos ensinar da melhor forma

possível. Hoje em dia os alunos só não aprendem porque não querem ou até mesmo por falta de interesse próprio, porque as oportunidades não faltam para estudar.

Eu como aluna sou muito grata com os aprendizados que tive com os professores os quais fizeram e estão fazendo parte da minha vida escolar. São esses aprendizados que me preparam para um pé na aldeia e um pé no mundo e me garante também um futuro brilhante pela frente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE LUTA PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA E DIFERENCIADA PARA O POVO XAKRIABÁ

Este trabalho de conclusão foi muito importante, pois contamos a história dos primeiros professores indígenas Xakriabá. Tentamos mostrar e registrar as lutas, desafios e resistências enfrentadas para a implantação da educação escolar indígena. Abordamos vários pontos como: a criação da primeira escola, a parceria entre a SEE/MG, UFMG, FUNAI e povos indígenas de Minas Gerais para implementar o PIEI e finalmente fazer valer os direitos educacionais da população indígena no estado.

Buscamos dar luz à importância da organização interna, das lideranças e dos professores na luta para a conquista do direito à educação escolar indígena e também contra a violação destes direitos que vivemos até os dias atuais. Queremos mostrar as lutas enfrentadas no território para a educação diferenciada onde as futuras gerações possam ter esse conhecimento e valorização do profissional professor, pois todas as profissões são passadas pelos professores.

Com as contribuições dos entrevistados, liderança, vice cacique e os primeiros professores, ao ouvir os relatos ficamos emocionadas pelas histórias vividas por eles. Este trabalho é um chamado histórico que vai ficar marcado em nossas memórias sobre as dificuldades enfrentadas em prol do povo Xakriabá e as vitórias conquistadas na luta.

Como abordado em um dos nossos capítulos, a herança de nós indígenas se caracteriza enquanto luta, tanto a luta pelo território ancestral quanto a luta por uma educação diferenciada, seguimos em luta desde o período colonial. Nas histórias de demarcação de nossas terras e garantia de nossos direitos, a luta não acabou, apenas mudou as suas formas. Antes os confrontos se caracterizavam através da violência física e nos dias atuais ela está presente também na forma intelectual e escrita, as armas usadas contra nós não são mais apenas as de fogo, mas também em formas de caneta e papel, usados para negar e tirar os nossos direitos.

É nesse cenário que a educação escolar indígena Xakriabá se insere como potência na articulação territorial em prol da nossa luta coletiva. Potencializando a nossa participação em diversos espaços importantes que contribuem para a garantia dos nossos direitos e avanços, tais como os espaços universitários, a educação, a saúde e também na política. Com esse movimento podemos estar presentes em espaços que vão interferir diretamente em nossos territórios, podendo possuir também as mesmas ferramentas antes usadas contra nós, conciliadas às nossas ciências de proteção ancestral para garantir a resistência e sobrevivência na luta por nossos direitos.

Com o avanço da educação, a nossa juventude Xakriabá também foi adquirindo entendimentos acerca da luta e dos direitos constitucionais garantidos à nossa população indígena. Em diálogo com as lideranças e mais velhos se inseriram na luta tanto dentro, quanto fora do território. Em decorrência disso, hoje podemos notar que a juventude tem se articulado no sentido de dar apoio e continuidade ao trabalho da organização interna Xakriabá, participando de forma engajada.

Reconhecemos os avanços já conseguidos pelos povos originários na educação escolar indígena. Entretanto, ainda existem sonhos/objetivos que queremos alcançar e ações que precisam ser revistas para que consigamos de fato uma educação que respeite as nossas ciências e conhecimentos indígenas. Para tanto, faz-se necessário que as políticas da educação sejam elaboradas junto aos territórios tradicionais, e não feitas de cima para baixo, vindas de fora para dentro, mas sim de dentro para fora, ou seja, que sejam pensadas na base com a participação dos povos.

Almejamos também o reconhecimento da nossa categoria específica como educadores indígenas, para que sejam reconhecidas e respeitadas as nossas especificidades acerca do campo educacional. Além disso, esperamos também a garantia de representatividade indígena nos espaços de poder e decisão na elaboração das ações, materiais, currículos e projetos pedagógicos destinados às nossas comunidades, a fim de desenvolver trabalhos mais próximos das nossas realidades, sem grandes interferências externas.

Sonhamos ainda com a possibilidade de publicação de materiais didáticos produzidos pelo nosso próprio povo e que atendam de fato às demandas educacionais dos povos tradicionais, que contenham os nossos saberes, a nossa língua materna e a história real dos nossos povos que por tanto tempo foram ouvidas a partir da perspectiva do não indígena. Chega de difundir esses livros eurocentrados em nossos territórios, queremos ser autores/autoras e protagonistas da nossa história.

Lideranças territoriais das proximidades da aldeia Brejo Mata Fome, e consequentemente ligados a Escola Estadual Indígena Bukimujú:



Figura 22: Cacique Domingos Xakriabá



Figura 23: Vice Cacique Alvino



Figura 25: Adão Gonçalves, Liderança da aldeia Imbaúba



Figura 24: Edvaldo Liderança da aldeia Olhos D'água

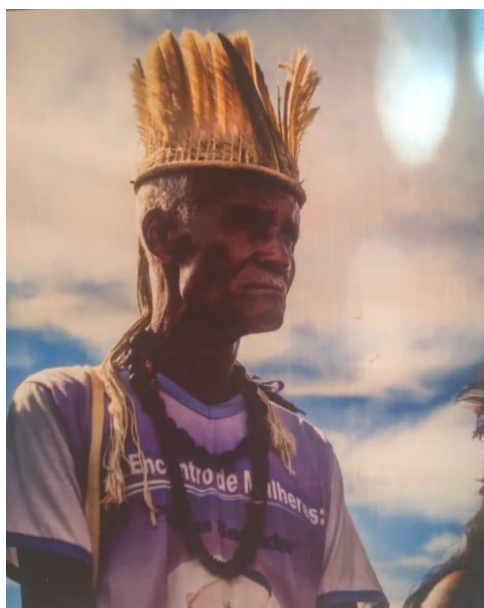


Figura 26: Valdemar, Liderança da aldeia Prata



Figura 27: Rosalino, Liderança do povo Xakriabá

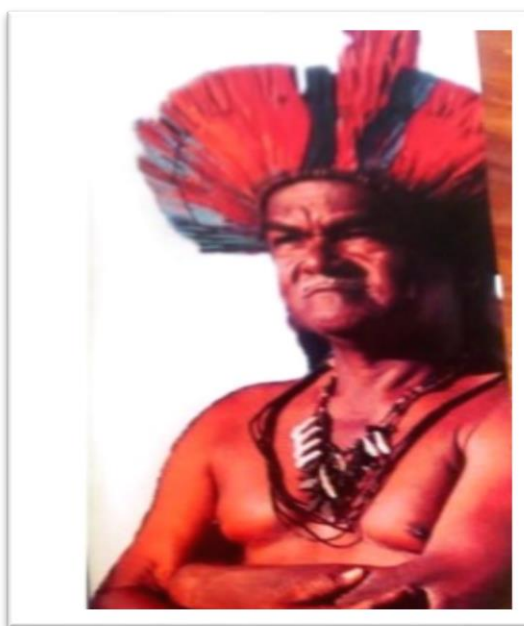


Figura 28: Cacique Rodrigo, Liderança do povo Xakriabá

Alguns dos nossos caciques e lideranças indígena Xakriabá, aqui representando o coletivo, onde os mesmos desde a década de 1980 vem lutando pelos nossos direitos como o território, saúde e educação. Onde a organização interna deu início à escolha dos primeiros professores indígena Xakriabá e até hoje eles exercem esse papel de trabalhar para defender os direitos indígenas.

8. REFERÊNCIAS:

ANASTÁCIO, Vanessa Lorena. *Um povo da palavra: ressonância da cultura acústica na educação escolar indígena xakriabá*. Dissertação mestrado, 2018. Universidade do estado de minas gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

PEREIRA, Verônica Mendes. *A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VIOLAÇÕES DOS DIREITOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAKRIABÁ. Terra Indígena Xakriabá, 2023.

EVARISTO, Macaé Maria. *A Implantação das Escolas Indígenas em Minas Gerais: Percurso de Recíproco Conhecimento entre Índios e Não Índios*. Anais do 2o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

MONTEIRO, Alice Nantala Pereira; VAZ, Bárbara Regina Gonçalves; MOTA, Rafael Silveira da. *Desvalorização profissional dos professores*. Revista Latino Americana de Estudos Científicos. V. 03, N.13 Jan./Fev. 2022. Disponível em: [DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES | Revista Latino-Americana de Estudos Científicos \(ufes.br\)](#). Acesso em: 08/07/2024.

ANEXOS:

ENTREVISTAS COM OS PRIMEIROS PROFESSORES E LIDERANÇA XAKRIABÁ

- 1 Como foi feita a escolha dos primeiros professores Indígenas Xakriabá?
- 2- A partir dos primeiros professores Indígenas Xakriabá. Quais foram as lutas e desafios encontrados? E os critérios para ser escolhido?
- 3- Quais foram as dificuldades e avanços enfrentados na educação escolar indígena?
- 4-como foi feita a implantação da escola indígena Xakriabá ? Conte um pouco Sobre os primeiros alunos e alfabetização.
- 5- Porque a primeira escola implantada foi na aldeia Brejo Mata Fome?
- 6- Depois da implantação da escola, de que forma a cultura foi trabalhada dentro da mesma? Houve avanços em relação à cultura dentro da sala de aula?
- 7- O que mudou de 1997 até os dias atuais. Em relação a escola os alunos, Alfabetização entre outros.

Entrevista com o senhor Alvinho vice cacique liderança percurso sobre os primeiros professores Xakriabá 17/10/2023.



Os professores eram lá de fora né que vinham dar aula muitas vezes trabalhavam três vezes na semana chegavam na segunda feira à tarde na sexta feira de manhã iam embora aí foi quando surgiu a UFMG através de conversa com o pessoal da UFMG em busca de conhecimento e conversa o cacique Rodrigo junto com as lideranças tomou conhecimento trouxe o pessoal da UFMG aqui para explicar para gente um pouco como é que se dava essa escola e tal né e aí a gente começamos conversar falou está tendo vagas vamos conseguir mandar umas pessoas pra estudar. Aí agora cada liderança vê as pessoas e vão escolher quem pode está indo pra lá fazer o curso no Parque do Rio Doce a aí a gente reuniu e escolheu várias pessoas como é que nós vamos escolher uma vez que nós não tinha

as pessoas formadas até a quarta série alguns tinha a quarta série outros estavam estudando ainda e aí começamos conversando aí o pessoal da UFMG disse que não precisava ter a quarta série completa pelo menos a terceira estudou continua estudando das outras turmas e vai

aumentando como como é que nós ia fazer para escolher esses alunos aí reunimos os lideranças fazer isso cada um ver alguém na comunidade que possa está colocando dessas pessoas a gente viu o tamanho das aldeias quantidade de pessoas tinha aldeia que às vezes ele precisava só de um e a gente fez dessa forma como muitas aldeias não tinha nenhuma pessoa que tinha a quarta série por lei ou talvez ninguém sabia não é igual Caatinginha mesmo foi uma das aldeias que foi colocado de outra aldeia porque ela não tinha ele ajudava aqui mesmo no Riacho do Brejo só tinha Gisélíio quem já tinha a terceira série Gisélíio era novo na época não podia já tinha um tamanho mais não podia ir colocou Maria Francisca no São Domingos também já estava precisando e não tinha comecei com perna cara não deram celular Santa Cruz e São Domingos aí coloca Maria Francisca e aqui ficou aí foi colocando Sandra lá do Brejo pra vir pra aqui por e as do Riacho do Brejo vai completar 2 e que precisar de 2 professor e assim a foi seguindo na escolha de professor foi feito por Cacique lideranças as primeiras turmas foi uma liderança que cada um que ia apontando falando fulano acho que é um trabalho que até hoje nós não esqueceu quando a gente está apontando o pessoal acha que vai haver problema não está certo mais nós continua no mesmo o tempo perdeu um pouco disso aí passado um tempo começou fazendo teste depois quando pessoas dele tipo votação aí agora estamos voltando aos poucos como era antes hoje ele está fazendo dessa forma mais a escola nossa que era um pouco trabalhado porque a gente não fez assim de qualquer foi feito pensando através de conversa de reuniões ele fez isso e hoje graças a Deus tem aí sua professora nossa até mamãe mesmo a história daquela é um pouco complicada Pra gente que não lembra tudo né aquilo que passou pra gente é porque falar pra vocês é um pouco não só daquilo que tá lembra também na liderança que muitas vezes é só gravado mesmo na cabeça você vê que em toda reunião grande mas não é um caderno anotando né trava na cabeça aquela dica gravada ali continua até hoje dessa forma é pouca Liderança que faz eu acho que quase ninguém eu sou um dos mais novo mesmo que faz anotações de alguma coisa mas e gravado na cabeça e era quase professor nessa época eu lembro escolheu eu acho que foi uns 40 mais ou menos eu não tenho a base lembrar com a quantidade certinha eu não estou lembrado não mais quem fez isso vendo que cada um varia ao ver na época então mais quantidade certa mesmo entendi chama base essa primeira escolha no ano de 1996 parece que lá colocou nesse ou em 1997 na aula foi a primeira turma pra lá fizemos como e aí a gente já foi pra discussão com o prefeito para contratar logo não queria contratar a gente tem que lutar muito liderando esse castigo para vir ele contrata-se e acabou a discussão com o prefeito porque ele falou com nós que não éramos capazes de ensinar uns aos outros não gosto de lembrar ele falou que nós besta ia ficar que Liderança queria nosso povo todo burro porque como é que índio ia dar aulas pro outro o índio não sabia para ensiná-lo e aí respondemos pra ele não interessa não tem que continuar nós quer colocar os professores do nosso povo mesmo lugar porque o lá de fora não tem nada pra ensinar pra nós também não os que o lá de fora também tem pra ensinar tem alguma coisa que ajuda né mais a base mesmo do que nós precisa é da nossa cultura e tudo ali não tem nada que estava aprendendo uma forma com alguém que falou. Pra ele estou aprendendo aí vamos trazer aqui pra dentro do território o resto que tem mais pra ensinar da cultura esse aqui sabe muito bem nasceu e criou aqui sabe como que é uma estrada lá de fora e hoje está aí a prova tem formando pra muitas profissões como: médico, advogado, dentista, deputada, prefeito, vereadores e entre outros. Então só aí provou pra eles que os indígenas são sim capazes de aprender trabalhar, fazer qualquer coisa que a gente pensar tem capacidade pra fazer que tenha boa vontade pra chegar até onde nós chegamos. No início foi difícil mas valeu a pena nossas lutas porque mesmo difícil mais graças a Deus nós conseguimos através das pessoas que não sabem de nada basta querer ter fé porque a inteligência são coisas dadas por Deus mesmo quem não estudou pra correr atrás é só mesmo Deus pra dá essa sabedoria. Porque mesmo que é um dom que perguntar pra ele nem é com caneta é a voz a luta tem pessoas que consegue vencer um liderança com experiência da vida pra debater com um liderança pra ele vencer é um pouco meio difícil porque as vezes ele

aprendeu da sabedoria pra outras coisas usou pra pertencer pro lado onde as coisas nossa mesmo é mais difícil e isso é dizer que a gente sabe hoje já tem muitos desses professores o pessoal já sabe mais ou menos contando e a história do dia não conta toda assim porque também a gente pra contar todinha tem que ter um tempo pra pensar lembrando tudo desde início mais as aulas eram antes pra ver isso não tinha sala como é que eram as aulas foram, começou debaixo dos pés de árvores não tinha cadeira não tinha nada às vezes meus alunos começou sentar nas esteiras e não tinha onde colocar os cadernos eu fiz um banco tipo uma mesa , sentavam e escreviam em cima então foi feito assim mudou pra barraquinha com pé de juá mais também não aguentou poucos dias aí depois com o trabalho comprou um pouco de material que começou dar aulas nesse barraco e tinha caderno dos alunos que para comprar também eram bem pouquinho a merenda no início depois foi aumentando mais a dificuldade imensa foi de floresta mãe quando eu lembro que nós estudava e as aulas eram mais oral era brincadeira não tinha quadro hoje está mais diferente mudou muitas coisas mas as aulas quem via passar na escola ela era completamente diferente hoje eu falo para os alunos palestra foi difícil para nós chegar no que tem temos todos tem todas as escolas tem cadeira sobrando lá parado quanto antigamente não tinha um recanto não os alunos não tinha um lugar pra assentar o professor ficava sentado perto do quadro escrevendo não tinha parede para colocar era uma época muito difícil para enfrentar se não fosse a comunidade, liderança juntos não tinha vencido pra ter educação que tem hoje na verdade eram bastante alunos tinha lugar que tinha duas turmas e era um pouco complicado cada professor assumiu a turma não dobrava depois o tempo foi passando aí começou aumentar mais alunos o pessoal começou falar que precisava de mais professores para trabalhar em um só cargo muitas a gente ficava tenso preocupado pensando quando chegava às chuvas todos ficavam aqui em casa trabalhou um tempão como sala de aula já nessa casa aqui quando mudei pra outra casa os alunos não aumentou e lá só tinha duas salas no caso deles aí veio com a turminha do infantil dos pequenos aí usava as cadeiras daqui de casa está bom tempo aqui com as pessoas da comunidade se doava né com a educação se manter não tinha as coisas mesmo material tinha que servir vai competir e a gente começou a ficar no mundo falou passava tá aqui que nós mudamos lá pra cima depois que a água está em tudo a gente mudou a escola e ficava longe pra quem morava lá né foi do lado no centro graças a Deus tudo deu certo nessa época era dois professores e hoje o quanto se multiplicou de servidores tem aldeia que era bem pequena hoje só na aldeia Riacho do Brejo tem uns trezentos se for contar direitinho no território Xakriabá tem uns mil ou mais servidores entre saúde e educação.

Geovana Paulo Santiago Gonçalves



15/01/2023

Escola Xotruoba antes.

Antes a Escola pertenciam o Município de Itacarambi, Como o nome de Escola Municipal Pio XII, situada na aldeia Brejo Mata Fria. era ela que controlavam as outras como: Santa Cruz, Sapi, Itopeturu, prata, Barrueto, Fozes e Umare. Então era nessas aldeias que funcionavam a escola. Mas as condições não era boa. Os professores que trabalhavam eram brancos, não moravam na reserva, tinha que deslocar da cidade. Os alunos ficavam todos prejudicados, pelo fato deles não terem frequentes todos os dias da semana. Naquela época também o transporte era bem difícil, tinha apenas uma ~~toda~~ ^{toda} que transportava os professores até as escolas.

Antes a maioria dos pais não matriculavam os filhos na idade certa, era entre 9, 10, 11 anos de idade, devido a distância das aldeias até a escola. Eles não se sentiam seguros de mandar os filhos pequenos, porque tinha que deslocar lá só até a ~~escola~~ ^{mesma}. Nessas escolas os alunos só estudavam no máximo até a 4ª série. A partir daí tinha que ficar sem estudar, porque os pais não tinha condições de colocar os filhos em uma escola na cidade.

Eu mesma, estudei na Escola Pio XII, aprendi a ler e escrever. As disciplinas eram Comunicação e Expressão, correspondia a Língua Portuguesa, Estudos Sociais, era a Geografia, e outros. (X)
A professora era muito rígida, aplicavam

15/01/2024

em nossa casa, mas mesmo assim, a gente tinha que estudar, pra um dia a vida mudar.

O Cocique Rodrigues, foi uma das primeiras pessoas a lutar pelos nossos direitos. Vendo que o trabalho dos professores brancos, não estava respondendo no processo de aprendizagem dos alunos, pensou colocar professor índio. Não importa só ser professor formado, mas o que importa é a frequência e os conteúdos ensinados e vem os alunos com bom desempenho nos estudos. Mas pra tudo isso acontecer teve que lutar muito. Quando surgiu o programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais, ele já havia pensado em uma forma de melhorar na área da Educação do povo Xokrioba.

Em 1993, a professora Marcia Spax, veio apresentar o projeto das escolas indígenas Xokrioba. Embora ele já estava na expectativa de tudo dar certo. Quando foi em 1995, aconteceu o primeiro Seminário do PIEI, no Parque Estadual do Rio Doce. O Cocique Rodrigues e demais lideranças indígenas, foram convidados para participar do seminário. Após tantas discussões o Cocique fez reuniões com as comunidades Xokrioba para apresentar as propostas. A partir daí foi feita a seleção dos primeiros professores indígenas de várias aldeias, com os seguintes critérios, ser índio Xokrioba, morar na aldeia, ter compromisso com o trabalho e a comunidade.

Em 1996, as escolas passaram a pertencer ao Município de São João del-Rei. Mas ainda funcionaram com professores brancos. Nesta mesma época, Rodrigues e demais lideranças, já tinham



15/01/2024

Apito a escolha dos 46 professores índios para fazer o curso de Magistério Ind. tiveram que deslocar da Reserva Xokriobá, até o Parque Estadual do Rio Doce. Onde ficaram no período de 30 dias. A retornar a Reserva, essas pessoas tiveram que estagiar com os professores brancos. Na qual eu fui uma delas.

Em 1997, foi uma grande luta, pela contratação dos professores índios pelo Município de São João das Missões. O prefeito Ivan de Sousa Correia, conhecido por Correinha não queria nos contratar, por julgar pessoas incapazes de exercer a função de professor. A luta foi difícil pra conquistar tudo isso. A professora Mônica Spat Coordenadora do Curso, foi uma grande guerreira. Nesta longa caminhada, veio juntamente com nós até a prefeitura de Missões para dialogar com ele. Até que fim, graças a Deus deu tudo certo.

A partir daí iniciaram as escolas Indígenas Xokriobá, com professores índios. Eu mesma assumi uma turma de 20 alunos de 1ª série ^{na escola Brip}, já sabia eu daí com eles, porque já tinha estagiado com a professora branca. Foi um sonho realizado, trabalhar com meu próprio povo. Sempre gostei de exercer minha função, tenho muito carinho pelos alunos, trato com respeito. No estágio com a professora não índia, foi bem tranquilo, ela tinha paciência ensinar e com os alunos dialogar comigo, pediu pra mim ajudar os alunos nas atividades aplicadas. Com isso adquiri um pouco de experiência também. Só que o professor branco tem seu jeito de ensinar, o professor índio tem outro, isto é, relembro em

tilibra

15/01/2024

comunidade e da continuidade o meu trabalho atendendo turmas de 1ª e 4ª série, após de 5ª a 8ª.

Nessa época a professora Marcelina, conhecida por tia filha do Tio Amerindo, já estava trabalhando em um espaço (varanda) de sua casa, com o total de 25 alunos, era uma turma multisseriada de 1ª a 4ª série, em um só período. Era muito difícil pra ela planejar as aulas. Quando foi em 2000 teve a possibilidade de dividir as turmas mas porém, o multisseriadas continuou, 1ª e 2ª em um período e 3ª e 4ª em outro. Amenizou um pouco as dificuldades mas não tudo.

A maioria das escolas xokriabe ainda funcionavam embaixo de árvores, em barrocos coberto com telhas brasilit etc.

Quando iniciei o meu trabalho nesta aldeia ainda foi neste mesmo espaço da casa do Tio Amerindo, eu e meus alunos fomos bem acolhidos também. O Tio Amerindo era uma pessoa muito alegre, brincalhão, bom conhecedor da hist. de luta pela Terra, disposto a tudo. Enfim, grande guerreiro, que sempre lutou a bem da comunidade.

Quando o diretor José Murai, juntamente com o inspetor Wellington da Superintendência de Formação, viram até a escola fez reuniões referente a Educação, ele cobrou mesmo as demandas da comunidade. Uma delas foi a construção de um barroco, vendo que o espaço da sua casa não estava sendo mais o suficiente para atender o n° grande de alunos. Então eles ajudaram nos materiais de construção como: Telhas brasilit, cimento, bloco etc.

 Lilibra


15/01/2024

Aí a comunidade tomou a iniciativa. Construíram o mesmo, ao lado da casa dele.

A partir daí fomos trabalhar nesse barroco. Não tinha cadeira pra todos os alunos, teve que usar uns bancos de madeira. No decorrer do tempo o número de alunos foi aumentando, teve que crescer mais um lado desse barroco. No período de seca funcionavam bem, quando estava muito calor, trabalhávamos embaixo das árvores. Já no período chuvoso, goteara muito, era uma dificuldade, melhoram os materiais escolares dos alunos. Mas mesmo assim, a gente via o interesse dos pais, com um ou com vários os filhos tinham que frequentar as aulas, todos os dias. O mais importante é o aprender.

A universidade dessa escola foi a tia Senehora, esposa do tio Amerindo. Ela foi uma pessoa muito dedicada ao seu trabalho, utilizava sua própria cozinha, caprichava bem na merenda escolar, e todos os alunos gostavam. Ajudavam na organização dos alunos principalmente, aqueles mais pequenos.

Que pena, o tio Amerindo já faleceu, mas a sua história permanece viva em nossa memória. Ele sempre batalhou pra ver a comunidade crescer, com bons futuros pela frente.

Hoje em todos as aldeias Xokriobá, tem escola e professores capacitados para atender as demandas do próprio povo. Vejo que o aprender e o ensinar não está preso somente entre as quatro paredes como antes. Mas sim, 

está em toda parte: nas atividades do nosso
catolicismo, nas histórias de lutas, de retornados,
nos diálogos com os mais velhos, enfim na
cultura tradicional do nosso ~~povo~~ povo.

José Reis Lopes da Silva



O professor José dos Reis Lopes da Silva, morador da aldeia Pedra Redonda, trabalha na aldeia Brejo Mata Fome. Ele tem 45 anos de idade, o mesmo é professor desde o ano 1996. Atua como professor até o ano 2004. Ele foi indicado como diretor da Escola Indígena Bukimujú, porque o diretor na época (José Nunes) se afastou para eleições do município de sao joao das missoes . José dos Reis atuou como diretor no ano de 2004 até 2012. Posteriormente retornou para o cargo de professor, onde atua até os dias atuais. (entrevista realizada em 16.01.2024. Fotografia: Arquivo pessoal do entrevistado, janeiro, 2024)

18.01.2024

Entrevista Com Zé Reis

Aldéia: Pedra Redonda

Os primeiros professores xakriabá foram escolhidos depois de uma longa discussão para a implantação do PIEING - Programa de Implantação de Escolas Indígenas de minorias étnicas. aqui tiveram várias reuniões onde contou com a participação do cacique Manoel Gomes de discipulo (Rodrigão) e lideranças de todos os comunidades e representantes da FUNAI, UFMG, IEF e SEE.

Para escolher a primeira turma não foi fácil o cacique pediu para cada liderança conversar nas comunidades e ver alguma pessoa que se veria para ser professor e explicar sobre o projeto e ser criado e o objetivo de mesmo e como não conseguiram encontrar pessoas com a formação em todas as comunidades eles começaram em preocupar em formar a turma que seria de mais ou menos 40 professores e depois pensar na distribuição para atender as demandas da aldeia no momento então nos começaram a fazer o curso sem saber em qual comunidade iria trabalhar na aquela época muitos professores deslocaram de uma aldeia para outra e mesmo em 1997 comecei trabalhar na aldeia Santa Cruz em 1998 trabalhei na aldeia Riacho do Iguçu,

MÁXIMA

18.01.2024

do Slapicuru para ficar responsável
para acompanhar e aconselhar se caso
praticasse alguma coisa errada.

os critérios ~~usados~~ usados para a
escolha eram: assumir o compromisso
com o povo Xakriabá para lecionar nas
escolas indígenas respeitando os direitos de
todos e ensinar a cultura os costumes
tradicionais, respeitar os colegas de trabalho
colegue, lideranças e comunidade em
geral, ser pontual no trabalho, oferecer
o máximo para alfabetizar os adultos e
jovens das comunidades.

A primeira escola criada indígena
criadora foi a Escola Bupikunyu na aldeia
Brego mata Fome, onde era considerado o
ponto de referência do povo Xakriabá e
todos os discursos iniciava por lá e como
estava sendo implantada a primeira escola
indígena foi do acordo de todos que
seria na sede do FUNAI.

Em 1997 nos iniciou a discussão com o
prefeito Leon de Souza correio para nos
professores indígenas assumir as escolas
indígenas, foi uma longa discussão pois o
mesmo não queria contratar nos professores
indígenas justificando que foi timbo contra
tudo professores para assumir as escolas
indígenas e que os professores todos eram

MÁXIMA

18 01 2024

formados e que nós indígenas não eram formados e que nós não tinha capacidade para assumir termos, nós se os lideranças quisesse ele tirarava os professores foi contratado e contrava nós foi que eles queriam atraso aqui pra preservar e depois de muito debate resolveu nos contratar, onde fomos contratados pelo município por 1 ano mais ou menos e em 1998 conseguimos passar para o estado. Nessa época ainda não tinha professor de cultura e os professores que ensinava a cultura era contratado com a disciplina de uso do território, essa disciplina fazia parte do currículo da escola. Só depois de muita discussão com a SEEMG conseguimos implantar a disciplina de cultura nas escolas indígenas de nossos povos, pois a disciplina não era reconhecida pelo Estado. O primeiro professor de cultura contratado foi o SR. Emílio, pois foi o único que já vinha praticando vários rituais culturais dentro e fora das escolas, pois nossos mais velhos tinham muito receio de repassar os costumes para os demais pessoas e SR. Emílio foi encontrando forma para passar alguma coisa da cultura dentro da escola fazendo algumas adaptações e modificações,

MAXIMA

18.01.2024

porque os velhos não aceitavam passar
da forma original dentro das escolas,
uma vez que teria que ter umas preparações
para partilharem de certos rituais.

Nos locais depois conseguimos contratar
outros professores que foi buscando
conhecimentos e fortalecendo a cultura
no nosso território que antes era prati-
cada por pequenos grupos.

Vanilde Gonçalves de Deus Araújo (Vanda Xakriabá)



Vanilde Gonçalves de Deus, tem 51 anos de idade, é uma das primeiras professoras indígenas Xakriabá, e desde o ano de 2016 vem atuando como professora e vice-diretora da Escola Estadual Indígena Bukimuju (Entrevista Realizada dia 03.01. 2024, fotografia: Arquivo da entrevistada, setembro, 2022).

A questão dessa escola é do projeto arquiteto? Aí nós lembramos sim, porque a gente queria uma escola que atendesse à demanda nossa específica e diferenciada, e foi aí quando nós sentamos para poder resolver a questão do projeto arquiteto da escola, aí resolvemos reunir e um pouco trazer aquela escola que realmente atendesse à expectativa do nosso povo, porque a gente vivia naquela escola onde era toda fechada, aquela escola que parecia mais um presídio que uma escola para nós.

Aí nós pensamos né porque até então a gente tinha o conhecimento de como seria essa escola que o povo queria, a comunidade queria, e nós professores também, aí eu me lembro que nessa época sentou os professores daqui do Brejo, eu me lembro do Zé Reis o pessoal que fazia parte da escola do Brejo, a Sandra, e a gente ficou imaginando o projeto dela, porque na época o pessoal do PIEI deixou para nós poder ver que forma que a gente queria essa escola, como que era um modelo, e como a gente tinha esse modelo que era muito frustrante para a gente, que a gente tinha medo desse modelo de escola, porque é aquela escola onde castigava todo mundo, a gente tinha medo dessa escola, era uma escola bastante fechada, tudo fechado, e a gente optou para fazer essa escola desse modelo, eu me lembro assim que a gente começou a desenhar a escola.

Que a gente queria com espaço e contato com a natureza, e eu lembro que nós começamos pegando um caderno, vamos desenhando no caderno, porque a gente não conhecia nem o que era Chamex, naquela época mal tinha um caderninho desses, caderninho de arame, era de arame mesmo, aí eu lembro que nós começamos a desenhá-la o centro da escola, e a gente começou a colocar ao redor todos os anexos, aquele centro ali que a gente queria, e naquele centro seria um momento que a gente pensou, como a gente está no processo de resgate da cultura, nós pensamos naquele momento fazer aquele espaço para que a gente também pudesse, não só um espaço para brincadeira, mas também um espaço da onde a gente poderia praticar a cultura.

Então aí, eu me lembro, acho que foi em 1998, mais ou menos, que nós começamos a arquitetar esse projeto da escola, e tinha alguém da UFMG com a gente eu me lembro que foi nós mesmos que sentamos e começamos a organizar a forma que a gente queria essa escola, e a escola tão sonhada que a gente desejava, mas aí mandou esse projeto da forma que a gente pensou.

E aí foi para a Secretaria de Educação, e quando eles viram montou a maquete, mais ou menos no sentido da forma que a gente queria, aí começamos a analisar a maquete. Tanto é que me parece que essa escola que a gente montou, eu não sei se foi no Pataxó ou no Maxakali foi montado igual, naquela época as escolas que construíram, foram tudo dessa forma, desse formato que a gente pensou no Xakriabá.

Mas a gente colocava para atender um pouco nessa demanda, porque a gente vinha de uma escola muito conservadora, aquela escola que era repreensão, era para repreender mesmo os alunos, a gente pensava dessa forma, mas a gente, como outro olhar, como professor indígena do lugar, a gente começou a pensar na forma da escola que a gente queria. Eu me lembro que a gente até queria também plantar um espaço de plantas medicinais, a gente até colocou, mas não fomos contemplado nessa planta da escola mas ainda queremos fazer esse espaço de plantas medicinais.

Porque quando a gente disse, a partir de agora a escola é nossa, nós também podemos ter voz ativa, e também de consultar a comunidade também e ver o que a comunidade queria então a gente começou a organizar dessa forma e a partir daí começou as conversas cacique, liderança e comunidade. E eu me lembro assim que nessa época também a gente conversou com o tio Rodrigo, ele estava presente também nessa reunião, onde a gente também começou a desenhar e conversando com ele sobre a forma de escola que a gente estava querendo e que não era aquela escola que a gente vinha vivenciando, que a gente vinha dentro daquela escola que era uma escola assim que para nós, como, não fazia diferença, né, e a gente queria uma escola que realmente fazia diferença, que é uma escola que realmente atendesse à necessidade do povo, à expectativa também dos nossos alunos.

A gente perceba que aquela escola era uma escola de quatro paredes e a gente, pensando mais além como professor indígena, a gente não queria aquela escola de quatro paredes, a gente queria uma escola que também atendesse a comunidade, o espaço, quando a gente tinha também um contato com a natureza também, isso era a parte mais importante, onde que a gente pudesse também pisar o pé no chão e dizer que essa escola é nossa,, então era uma escola assim tão sonhada, tão desejada por todos nós um momento assim de muita luta, de muito sofrimento, mas a gente conseguiu construir a escola da forma que a gente queria.

E aí vêm os desafios que não foram poucos, que a gente ficava pensando de que forma a gente poderia aderir às propostas do Estado, às propostas da comunidade e que também a gente queria que essa proposta fosse um conjunto de, proposta, além dela vinha da Secretaria, mas que a comunidade deveria propor a gente também poderia ouvir a comunidade.

E a escola que a gente tinha, que era a escola do município de Itacarambi, na nossa aldeia, tinha só a escola que era pio 12, já foi citada aí, e a gente ficou imaginando de que forma essa escola pio12 se transformasse na escola indígena Xakriabá.então foi uma luta muito grande pra gente poder transformar essa escola, aquela escola que repreendia muito a gente e que pra gente também não era bom, para o povo Xakriabá, às vezes a gente tinha os nossos costumes, mas quando chegava dentro da escola, ele era todo acabado ali, devido também às ameaças que a gente sofria pelos alguns professores não indígenas e que a gente também não tinha essa liberdade talvez de brincar, de mostrar um pouco daquilo que a gente sabia, era mais o convencional, então a gente ficava nessa preocupação de praticamente isolado, naquele momento a gente sentia ali como se a gente não tivesse voz e nem vez, e qualquer coisa que a gente falava também, de repente servia de crítica até pelos próprios professores que atuavam ali naquele momento, dando as aulas, a gente também não podia nem falar, era uma escola

muito repreendedora, porque a gente ficava assim pensando, meu Deus, como que a gente consegue viver numa escola desse tipo, é como se você enxergar só.

Você não tinha um espaço, você não tinha um espaço para você de convivência no momento. Eu me lembro que até a merenda também, a gente era vigiado entre quatro horas pelos professores, não tinha liberdade nem de brincar, e era bem difícil os professores eram piores do que uns policiais hoje, né? Com a gente na escola, não considerava uma escola, considerava uma prisão naquela época, e que para a gente era bem complicado a gente viver naquele espaço, onde que a gente também, na comunidade, a gente era livre, e quando chegava na escola a gente queria ter liberdade também, só que a gente era contido por ter essa liberdade.

A maioria das vezes é conversar com os pais da gente, a questão do comportamento da gente, mas qualquer coisinha que a gente falasse, menos do que conversasse na sala, já era mandar dizer aos pais, que a gente estava desobedecendo as ordens deles, mas que não era, a gente queria expressar um pouco daquilo que a gente sentia, mas só que a gente não tinha liberdade de expressar os nossos sentimentos, aquilo que a gente queria.

Mas era uma escola assim que a gente não podia levar os nossos costumes para ali, as nossas tradições, era uma escola que repreendia muito, tanto é que na época a gente não usava certo tipo de coisa, por exemplo, produtos, por exemplo, produtos de beleza, a gente não tinha nem contato de usar, e às vezes a gente era discriminada por conta disso também, porque eles achavam que a gente fedia na época, e aí muitas das vezes a gente chegava perto desse cabo, não queria chegar perto da gente também, se você levava o caderno você tinha que ficar longe para poder corrigir o seu caderno, e às vezes tinha professores, não estou colocando todos não, alguns tem muitos que era bem bom, ajudava a gente

.Tinha aquela compreensão, teve uns três ou quatro professores que nos entendia, às vezes até ficava com compaixão da gente, com dó, tinha muitos que às vezes até dava alimento pra gente, mas tinha outros que talvez repreendiam muito a gente, e às vezes você chegava de uma certa forma lá na escola, olhando, porque na verdade não tinha condição nenhuma, nós Xakriabá vivia aqui, você não tinha costume de trocar roupa todos os dias, você ia pra escola da forma que você tivesse, então era dessa forma, e às vezes de uma certa forma, muitos reconheciam outros, não, às vezes a gente eram discriminados por essa questão também, da forma de vestir, da forma de alimentar, então tudo isso a gente era repreendido por conta disso estava lembrando aqui quando a questão do produto de beleza, porque a gente não tinha o conhecimento também, não era usado pelo nosso povo até quando a gente estudava, o produto que a gente usava era as folhas mesmas das árvores, para tomar banho, para escovar os dentes agente usava raspa também, era usado na questão do banho, a gente sempre usava a folha das árvores e às vezes quando a gente tomava banho com uma certa árvore, às vezes ela não deixava um cheiro tão agradável, e por conta disso também às vezes chegava. Na escola a gente estava com um cheiro não tão bom, mas aquilo ali a gente não entendia que era proteção.

Era proteção, talvez a proteção de uma febre, do mal espírito, ou talvez uma doença que vinha pegar a gente, aí a gente já tomava banho com aquela árvore, até também a gente usava. Também a ter o cocô dos animais também para proteger de certos malos que estavam ocorrendo na época, várias doenças que ocorria, e a gente tomava também, que nessa época também não tinha vacina para proteção, e a gente protegia com as árvores, a medicina natural do povo Xakriabá, os animais, protegia também com talvez o couro, o cocô, a tripa do animal o fato do animal a gente também usava muito para poder ter essa proteção, para não pegar as doenças que vinha do mundo, por exemplo que tinham, naquela época era muita doença que chegou .

No povo Xakriabá era sarampo, tosse bravo, que chamou de colqueluxe então a gente protegia usando esses remédios do mato, e aí a gente usava muito, e quando a gente chegava assim nesse na escola, que os pais da gente banharam a gente à noite, no outro dia eu tinha que ir para a escola, e aí quando a gente chegava com esse cheiro muito não agradável, a gente era, de certa

forma, rejeitado, né, pelos professores também eles também não entendiam, mas que eu até, assim, eu não julgo por isso, porque eles não tinham conhecimento, eles não conviviam com a gente, a cultura deles era outra, a nossa era diferente, então eu não julgo eles por isso, né, talvez era falta de conhecimento, porque eles vêm de um lugar totalmente diferente.

Eles vêm de um lugar assim, né, que eles sempre tinham contato com os produtos e a gente já não tinha esse conhecimento, e aí eu não julguei por essa questão mesmo de falta de conhecimento, eu acredito que se eles tivessem conhecimento sobre nossa vivência se eles ficassem dentro do território, talvez eles conhecessem, eles só vinham, principalmente que eram contratados pelo município da Itacarambi, eles só ficavam durante a semana, ou às vezes vinham um dia sim, um dia não, ficavam durante a semana, mas a final de semana eles iam para os familiares deles agente não julga por conta disso, a questão de conhecimento mesmo.

Tanto é que quando os pais da gente queria, ou então o Pajé, alguém entendido, ia fazer os remédios e a gente dizia que não ia fazer o remédio, que deixasse por fim de semana, por conta dessa rejeição, e aí a gente usava muita questão dos remédios, a gente usava muita questão das folhas também por proteção tem árvore que nos dá proteção, e às vezes a gente chegava na sala com a folhinha, porque os pais da gente indicava, a gente, os mais velhos indicavam, a gente chegava com a folhinha de árvore pra questão de proteção, e aí também a gente era chamada de atenção por aquilo, a gente era obrigado a jogar aquilo fora, né? Porque aquilo ali dizia assim, que tava acontecendo com a gente, que a gente levava aquelas coisas pra escola, mas era uma proteção que a gente tinha, que os pais da gente ensinava a gente, os mais velhos, os Pajé também ensinava a gente.

Mas aí, de certa forma, a gente ia deixando de vivenciar isso e até porque a gente não tinha como falar, a gente não tinha conhecimento nenhum. Quando começou a implantação da escola indígena, que a gente começou a luta pelos nossos direitos, praticar a nossa cultura, porque nós fomos obrigados parar de praticar por causa dos colonizadores por um tempo com a implantação da escola diferenciada fomos desadormecendo a nossa cultura então, de certa forma, eles tentaram tirar isso da gente. Quando surgiu o projeto da implantação das escolas indígenas, eu me lembro que foi em 1994 Com as reuniões do pessoal da UFMG, Márcia Spike, e veio até o território para poder conversar com o Cacique já era uma demanda também do cacique, uma escola específica diferenciada, que era o Cacique Rodrigo a partir daí, começou a fazer as reuniões.

Eu me lembro que eu participei da primeira reunião em 1994, que foi na escola chamada PIO-12 eu, nessa época trabalhava na casa de família lá na sede, que hoje o pessoal lá é conhecido como Funai, pelo povo, mas hoje é a sede do território. E aí, eu me lembro assim que eu não entendia de nada também eu estava na casa de uma das funcionárias da Funai, trabalhando, prestando serviço doméstico e aí, eu fui chamada para participar dessa reunião eu me lembro que essa hora eu tava até lavando roupa, tio Rodrigo chegou com alguns Xakriabá entre os professores próprios, indígenas, já era uma reivindicação dos cacique-liderança Xakriabá, e aí nessa época do anos de 1994 e 1995 teve as reuniões no território Xakriabá, onde houve a proposta da escola, onde que veio a Marcia Spike da UFMG, consultando as lideranças, o Cacique, fez reuniões em várias aldeias pra saber como que todos pensava a escola indígena específica, direferenciada para o povo Xakriabá, e aí com essas reuniões, o pessoal foram amadurecendo as ideias, pensando melhor na questão dessa escola Com o cara do povo Xakriabá.

A partir daí, teve essa reunião com Márcia Spike, da UFMG. A partir daí, também os caciques, lideranças mobilizaram e fizeram várias reuniões também com o povo Xakriabá, que era um anseio de todos e que a escola que tinha antes não atendia a nossa expectativa, a nossa necessidade. A partir daí, também começou a fazer as escolhas dos professores Como trabalhava com as lideranças das aldeias, as reuniões eram sempre na aldeia Brejo, na sede do

território Xakriabá começaram as reuniões com as lideranças e para começar também o processo de escolha dos professores Xakriabá processo de escolha o que acontecia no processo de escolha? O processo de escolha era bem rigoroso.

Primeiramente, eles olhavam o perfil da família, o perfil do professor também sempre conduzia dessa forma que seria também as famílias que defendiam o território ai indicavam as pessoas para serem professores. Tanto é que eu penso que foi por conta das pessoas que também, era aquelas pessoas que lutavam por demarcação do território, lutavam pelo bem do povo, as pessoas que defendia os direitos estavam sempre junto com o cacique por isso que foi a escolha dos professores no princípio foram 36, depois vendo a demanda que era bem maior do que aquela escolha, indicou mais quatro professores que totalizaram 40 o cacique liderança conversava com a família tinha pessoas até de menor, mas devido nessa questão que eu citei do envolvimento da pessoa com as lutas internas.

Eram as pessoas que acompanhavam o cacique e as lideranças, eu lembro que foi por conta disso que foi escolha que teve pessoas até de menores, teve uns quatro professores na época a essa demanda que era o envolvimento na luta nesse anseio, tinha professores também que já trabalhava pelo município, eu me lembro, acho que tinha duas professoras, acho que era três ou quatro professoras que trabalhavam. Pelo município, elas foram incluídas também, nessa escolha, porque também, o que eles entendiam? Porque elas também já entendiam um pouco da questão da educação, mas aquela educação, onde que eles atendiam os parâmetros do município? Não tinha como eles atender, né? A demanda do Povo xakriaba trabalhava dentro do território, mas contratado como professor do município.

Eles tinham que também ter toda a base curricular do município, que não atendia as demandas específicas do Povo xakriaba .Naquela época, eles eram mandados pelo município, então eles tinham que atender aquela grade curricular que vinha do município. Eles eram obrigados a trabalhar as coisas que vinha e não, e deixaram de trabalhar a cultura do Povo Xakriabá. A partir daí também, essa escolha foi dada, né? E ter muitas orientações por parte do cargo. Principalmente Cacique me lembro que a primeira vez que a gente foi viajar, teve uma reunião com ele e todas as vezes não era diferente também, todas as vezes fazia reunião com a gente para dar os conselhos, principalmente na questão de comportamento, na questão de não falar aquilo que não devia.

Então a gente também era um pouco levando essa reivindicação do Cacique e a gente sempre lembrava que a gente, quando estava no curso, a gente sempre atendia nessas demandas dele e foi bem importante nessa questão dele, nesse momento da escolha que foi as pessoas que realmente estavam ali preparadas para a luta da educação específica diferenciada. Eu me lembro que eu peguei do primeiro seminário específico, diferenciado foi no Parque do Rio Doce, onde que tinha da Secretaria de Educação e tinha também UFMG e tinha também o IEE e os professores indígenas das etnias Maxakali, pataxó Xakriabá krenak que são essas quatro etnias que, a princípio, começaram com o magistério indígena no final do ano 1996, a gente teve esse seminário de reivindicação da demanda dos professores.

Foi eu e uma companheira, que é Elizabete, filha do Cacique Rodrigao, a gente foi para esse seminário, participar desse seminário, e quando chegou nesse seminário falar sobre a escola específica diferenciada a especificidade da escola indígena era pra atender a demanda da realidade do nosso povo xakriaba. E aí todo mundo falando dos anseios que queriam pra escola e a gente teve orientação do Cacique pra participar, o que era uma escola específica diferenciada. E a gente foi remando, remando nessa questão de bater na tecla do diferenciado, até que a gente conseguiu uma reunião com os mais velhos, uma reunião com Cacique, lideranças comunidades a forma da escola que a gente queria em debate a Marcia Spike a escolas que nos queriam de fato, o que atende, o anseio e a expectativa da comunidade, culturalmente, especificamente.

E dias depois apresentamos essa demanda para o povo, inclusive a gente teve que apresentar essa demanda, onde que a gente reuniu, me lembro, foi lá na casa da Farinheira na aldeia brejo mata fome com os 36 professores cacique lideranças e comunidade em geral para poder estar falando do seminário, a data também prevista do curso, que a gente também tinha que trazer tudo para informar o pessoal, porque as pessoas precisavam levar também para ficar lá um mês, durante um mês lá no curso.

E também estavam todos presentes nesse momento da conversa para a viagem e a gente ficou preparando essa viagem, vai em cima, vai embaixo, as pessoas que tinham ali por exemplo, a gente não tinha nem como ir na verdade, como curtir a viagem porque a alimentação lá era grátis né, mas a gente tinha que sair daqui já pensando como curtir a viagem durante o processo e até mesmo as coisas que a gente precisava de levar, a gente não tinha assim para estar levando e a gente contou muito também assim com doação da comunidade, as vezes quem tinha um sabão como dizem as mães, quem tinha um corte de pano dava pra fazer roupa pra gente poder estar indo e era dessa forma que a gente conseguiu estudar fazer o curso porque a gente sabe que era muito difícil.

Também essa ajuda de custo era para a gente alimentar na viagem. Eu lembro bem que durante o trajeto da viagem, a gente não alimentava, a gente comprava as coisas que necessitava para usar no parque, um creme de pele, um sabonete, roupas também, calçados para a gente usar lá, a gente comprava com esse recurso da FUNAI que eles davam em Itacarambi tinha uma loja de seu de seu Geraldo, ele ficava todo feliz quando a gente ia lá comprar as coisas na loja dele, comprava de tudo para poder estar levando. Então a gente não alimentava na viagem, a gente tinha que se alimentar só lá no Parque do Rio Doce, a gente chegava lá franqueado de fome,

Já todo mundo com muita fome, que a gente não tinha recurso nenhum para alimentar no caminho. E às vezes o colega que levar, por exemplo, as pessoas que já trabalhavam talvez elas tinham alguma coisa para levar, levava e dividia com a gente, aí que a gente. No ano de 2008 a gente já estava contratada, a gente já pôde comprar as nossas coisas, nós já pôde alimentar também, a gente já tinha o recurso para alimentação também durante esse tempo, praticamente todos os professores já estavam contratados, mesmo de menor de idade. A secretaria fez uma resolução antes que poderia contratar esses professores de menor e a partir daí também a gente já começou a ter o nosso próprio recurso e também buscar aquilo que era da nossa escola.

Eu me lembro que a luta não foi fácil, foi difícil, às vezes muitas vezes a gente viajavam de ônibus, quebrava pelo caminho, as mulheres com os nenenzinhos, às vezes a gente não tinha nada de alimentar no caminho, os nenenzinhos sofria muito. Eu lembro que teve uma vez que o ônibus quebrou na estrada, a gente teve que buscar ajuda distante numa fazenda para criança para poder alimentar, então era muito sofrido sem contar as vezes que o ônibus quebrava no caminho daqui pra lá teve um colega que quase quebrou o braço pulando de transporte da reserva pra pegar o ônibus em São João das Missões. Então muitas das vezes a gente iam de caçamba também, que era doado pelo atual prefeito como se a gente fosse pedra.

Mas foi um momento assim, difícil, esse que a gente conseguiu, construir a nossa escola da forma que a gente queria, o anseio atender um pouco do anseio da nossa comunidade. Vamos dizer que não está cem por cento, mas tem melhorado bastante a questão da educação escolar dentro do território Xakriabá. Fala um pouco da dificuldade durante esse percurso da questão da construção das escolas indígenas. Uma das dificuldades encontradas antes foi o anseio da comunidade, por a gente ser professor indígena, porque eles estavam, assim, ainda não querendo aceitar e que também, pela questão da formação que a gente não tinha, eles já tinham os professores de fora, porque antes, os professores daqui, os professores que chegavam no território eram aqueles professores que, para eles, eram vistos como um entendedor de tudo.

Eram aqueles professores que, para eles, eram sabedores, que entendiam tudo e que, aí, também, era um pouco da repreensão da cultura e que eram o certo é seguir muitos professores, é como se fossem na época, eram respeitados também como padres, deviam ter esse grande respeito pelos professores que estavam atuando no território. Era uma série de escolhas, no sentido de que para eles os filhos de deles precisavam estar bem e que na escola, onde tinha essa questão dos outros professores não indígenas, talvez o professor não indígena eram reconhecido como mestre da sabedoria, que toda coisa era o professor não indígena que tinha que saber, que tinha que decifrar dentro da comunidade. Que não fazia parte da comunidade e a gente teve essa dificuldade muito grande.

Outra dificuldade também que a gente teve é ser contratado pelo município de São João das Missões, onde tinha um prefeito que não acreditava nos professores indígenas, sim acreditava só no voto do povo, que o povo votava nele. Ele queria a questão de beneficiar com o voto, mas a questão de atender a comunidade e satisfazer a comunidade na questão de devolver a questão do voto que a comunidade deu, sim, ele colocava a professora de fora e essa dificuldade permaneceu. Quando a gente estava no terceiro módulo estudando no parque do rio doce em 1997 não me engano, a gente estava no terceiro módulo já do magistério, em janeiro, até o início de fevereiro.

A gente soube, naquela época não tinha meio de comunicação, tinha um telefone na recepção do parque e tinha um meio de comunicação via rádio em Governador Valadares a gente ficou sabendo por telefone que o território estava cheio de professores não indígenas contratados, onde que o prefeito alegava que tinha professor indígena fazendo o curso, mas que os professores indígenas não estavam capacitados ainda para atender o povo Xakriabá e a gente sofreu várias ameaças também por parte desse prefeito dizendo que a gente era incapaz, muitas vezes a gente era incapaz e aí me lembro que a gente estava na sala de aula e todo mundo já ficou um pouco pensando, mas como se a gente está fazendo o curso do magistério indígena. Quem também tinha o terceiro ano do ensino médio, e foram contratados vários professores de São João das Missões, Regiões, para poder estar atendendo o nosso povo a nossa parceira Marcia Spike, ela tomou de frente, ela falou que isso não pode estar acontecendo no território de Xakriabá, e no dia da gente vir embora, a gente teve essa triste notícia que estava cheia de professores não indígenas dentro do território. Ela falou, não pode ficar assim não Xakriabá professores de Xakriabá, nós vamos à luta?. Tanto é que ela entrou no ônibus do Parque do Rio Doce, como que ela estava lá, ela veio com a gente, desceu com nós dentro do ônibus, vindo do parque, e quando chegou em São João das Missões, ela ligou para o prefeito, para marcar essa conversa com o prefeito, que não podia deixar professores não índio, não né, tá atendendo os nossos alunos indígenas, uma vez que já tinha o terceiro modo de formação dos professores que a gente já tava capacitado para atender o nosso povo.

E quando marcamos a reunião com ele, ela marcou, conversou tudo, ele vai chegar em torno de umas nove horas da manhã, aí chegamos na prefeitura, ele acolheu a gente e aí ela foi e colocou a proposta que o povo Xakriabá, os professores Xakriabá já tava capacitado para atender a demanda do povo Xakriabá. Ele foi e disse que não, que a gente era incapaz, que a gente não conhecia, não sabia de nada, né, como é que os professores que fez só a quarta série, que a gente fala de quinto ano hoje, tinha capacidade de atender a demanda do povo a questão de ensinamento para os nossos alunos. Dentro desses questionamentos, dessa dela vinda, e foi muita luta também, ela questionou a ele que quem deveria atender o nosso povo Xakriabá seria o Xakriabá, e ela já estava em conversa com os caciques, a liderança do território, e como a gente entende que era muito difícil também naquela época, porque não tinha transporte, para que os caciques e a liderança chegassem até São João das Missões, e dificultou essa ida deles lá no São João das Missões, para também estar junto com a gente fazendo a conversa com o prefeito.

Mas ele estava de cá, entrando em contato também, com a gente fizemos a conversa com o prefeito, e ele alegando que a gente era incapaz, que a gente não tinha. E quando a gente saiu de lá, a gente queria uma resposta dele e ele ainda ficou assim um pouco sem dar decisão pra gente. E naquela época, eu me lembro que naquela época ninguém viajava sem documento. Praticamente ninguém tinha documento que nessa época a gente só tinha o documento é o registro da FUNAI que a gente tinha, e as identidades indígenas. A gente conseguia viajar com isso nessa época não era tão exigente, então a gente conseguia viajar com essa documentação. Eu me lembro que nessa época, sem ser os professores que já atuavam pelo município da Itacarambi, que tinha toda a documentação, os outros não tinha, dentro dos 40 professores, a questão da idade.

Enfrentamos as dificuldades também do espaço físico que não tinha nessa época. A gente contava com uma sala muito cheia, de 30 até 50 estudantes a gente tinha dentro da sala, porque naquele momento foi uma expectativa tão grande dos pais e a comunidade para poder estar mandando seus filhos. Eu me lembro que em 1997 e 1998 nos iniciamos trabalhar com uma sala muito grande, muito cheia de alunos. Então a gente hoje, porém, está com algumas das dificuldades. As dificuldades são muitas com relação à infraestrutura que a gente tinha naquela época, hoje ainda continua agente percebe que está necessitando mesmo desse olhar para a educação em torno de programa de governo, a gente percebe que ainda falta um pouco dessa questão do olhar mesmo para as escolas indígenas, porque querendo ou não, isso quer colocar a gente na mesma panela, das escolas não indígena.

Tem a nossa especificidade dentro do território, dentro da escola, as dificuldade ainda continua, a gente precisa de ampliações, precisa de reformas, até hoje a gente não é atendido pela secretaria, então a gente ainda encontra dificuldades, mas melhorou, melhorou um pouco na forma de aprendizado dos alunos. Hoje têm um olhar diferente daquele que a gente vê, daquele atendimento convencional. Dos outros professores não-indígenas, vejo que hoje tem melhorado bastante, né? A implantação da escola, ela ajudou muito, não só na questão da cultura, mas também na questão do bem-viver, do bem-estar do povo Xakriabá, porque aí também ele veio uma renda para as comunidades, para a família. Entendo que o Xakriabá é muito solidário, a gente sempre divide aquilo que a gente tem, que foi uma renda não só para a família, que os professores ali trabalham mas uma renda também para a comunidade, que foi bem bacana mesmo essa parte da implantação da escola indígena. A gente sabe que foi com muita luta, com muita garra, com muito sofrimento, mas a gente conseguiu dar esse passo no qual hoje a gente vive. Que consegue ver a dimensão do quanto o povo Xakriabá evoluiu, de quanto a educação específica diferenciada, tem evolução. Porque antes a gente era muito repreendida, a gente não tinha como a gente expressar aquilo que a gente queria. Hoje a gente conta, graças a Deus, as pessoas hoje que trabalharam com a gente na época para conseguir o que temos hoje. Foi um desafio muito grande a questão da gente pegar uma turma, pegar os alunos assim, e que a gente tinha esse receio também por parte da comunidade, com os pais também, a gente sempre pensava como que seria a escola específica, diferenciada.

Era uma escola para o povo, era uma escola para os alunos, era uma escola para o Xakriabá, não era uma escola do professor indígena, era uma escola do povo. E a gente também tinha que ter esse contato com a comunidade, tinha que ter contato com a natureza, com tudo que envolvia a escola. Então, para a gente era assim, como se a gente pensasse no todo a gente pensava no todo da comunidade. E a partir daí, os alunos que a gente atendia, como eu falei antes, eram muito num mundo devido que só tinha implantado a escola no brejo e também as aldeias que depois no final de para 1998, teve o desmembramento das escolas que o pessoal foi começando a trabalhar nas aldeias e aí também trabalhava em casa de família, embaixo de árvores e aí esse foi conseguindo reerguer a educação escolar indígena e não tinha cadeira, não tinha mesa e muito menos material.

Muitos dos professores começaram a trabalhar com os banquinhos que tinha na comunidade, a comunidade emprestava o banquinho que ele tinha em casa para ceder para a escola ou que talvez ele ia lá e cortava uma madeira e fazia os assentos dos alunos para poder estudar. Uma das dificuldades maior que a gente teve foi na questão do espaço físico mesmo, mas. A gente percebeu que a comunidade encarou isso como melhoria mesmo da educação para povo Xakriabá. E eles davam o que eles tinham, davam o que pudesse, eles doavam para a comunidade, onde que implantava as escolas, onde que necessitava de criar uma turma ali, eles doavam mesmo o que eles tinham.

A gente aplicava muitas técnicas de alfabetizar, alfabetizar cantando, né, alfabetizar, então isso foi muito interessante, afabetizar é com história também, isso foi bem importante, assim, afabetizar também através da natureza, então pra gente foi um ponto assim que foi importante que também afabetizar, não é só afabetizar os alunos com letra, mas também afabetizar nos costumes, alfabetizar na natureza, alfabetizar em contato com a terra, isso foi muito importante também a forma de afabetização dos nossos alunos e também a questão da afabetização a questão do conceito da aceitação, do respeito de cada família, né, do respeito também com nossos alunos, que foi a questão de alfabetizar pra nós nesse momento, que foi um momento assim bem específico para o povo Xakriabá.

A gente não só alfabetizava os alunos, mas a gente também acompanhava eles, né, no dia a dia, o que eles faziam também, isso foi muito importante. Tanto para a gente também e conhecer também os alunos. Isso que é um ponto bem importante dentro da educação implantada dentro do território. Aí teve a implantação da primeira escola indígena Xakriabá dentro do território, foi na aldeia Brejo Mata fome. Acredito que quando a gente discutiu implantar a escola dentro do território, porque o brejo de Mata fome era sede e até hoje é sede de todas as aldeias, também por questão de excessos de resolver toda a problemática que acontecia dentro do território.

E aí começamos a planejar com cacique, a liderança, a comunidade para implantar a escola que atendia a demanda das outras aldeias, e também porque tinha um cacique, o cacique geral que era senhor Rodrigo, e aí pediu para implantar, e aí veio a demanda da implantação da escola indígena na aldeia Brejo mata fome, entrou em acordo com todas as lideranças, porque ali era um ponto de referência onde que resolviam todos os problemas, ali tinha também o posto da Funai, que todos os problemas que aconteciam nas aldeias eram resolvidos ali na sede, na aldeia Brejo mata fome, e por isso que foi criada a escola da aldeia Brejo mata fome, que deu o nome da escola, gente conversando.

Eu me lembro assim com a comunidade mais velhos, e conversando com uma pessoa entendida do território, da aldeia brejo mata fome e imbaúba, e chegamos no acordo que a gente levou também, precisava de um nome específico, que representasse também a escola, até então a gente tinha muita caça também, era uma caça que todo mundo gostava, todo mundo comia também, e aí conversando com mais velho, inclusive teve uma pessoa que era jovem na época, era aluna também, e aí a gente pensou conversar com ela, para dar o nome da nossa escola, que a gente naquele momento a gente queria um nome indígena para representar a nossa escola, para representar a antiga pio 12 e nessa ida e volta conversa com a comunidade.

Conversando com cacique, as lideranças falaram que é bom a gente colocar o nome indígena que representa a escola, e onde que veio o nome da escola é Bukimuju, que era uma caça que tinha muito dentro do território em 1997 a gente colocou o nome da Bukimuju, que representa o animal de caça, o veado e aí a gente deixou e foi conversando com a comunidade também, o Pajé inclusive, nessa época a Pajé era uma mulher, ela achou bacana ter deixado esse nome também, que representava muito bem ao território, que era uma que nessa época existia muita caça e que também era uma forma de alimentação para o povo xakriaba e aí ela aceitou a gente colocar também esse nome e ficou assim mesmo.

Esse nome foi publicado e registrado é uma das primeiras escolas que foi implantada dentro do território, foi a Escola Estadual Indígena Bukimujú, onde ela atendia todas as outras aldeias e a partir daí também foi criada as outras escolas também nas aldeias. Então pra gente foi um momento bem importante, foi um momento onde a gente também conseguiu ver que a gente também estava avançando na educação e que a gente também queria ter tirado aqueles nomes que a gente nem conhecia, não sabia o significado. E não poderia continuar com a Escola pio 12 também porque a gente também não sabia o significado do que significava a Escola Municipal Pio 12, .

A gente queria também naquele momento colocar uma coisa que realmente nos representava, que realmente dissesse algo que atendesse à expectativa da comunidade. E foi a partir daí também que a gente começou. Os trabalhos de publicação também, para ver se publicava esse nome, tem vários também, mas aí a gente conseguiu, com as demandas, a justificativa por qual seria esse nome, a gente conseguiu também dar esse nome para a nossa escola, inclusive a Bukimujú, a escola-mãe de todas as outras que tem hoje dentro do território, onde começou todo esse processo de reivindicação, de desmembramento das outras, foi na escola Bukimujú. Até então, as outras escolas eram atendidas pela Bukimujú.

Tudo que acontecia, reunião, planejamento, seria na escola Bukimujú. Então, aqui deslocava o pessoal mais de 32 quilômetros a cavalo, os professores vinham, porque naquela época a gente não tinha transporte, então eles vinham para planejamento, reunião na escola Bukimujú.

Foram vários desafios muito grande para nos professores. Que hoje alguns ainda atuam, outros já se aposentam, mas com um desafio muito grande em relação à questão da construção mesmo da primeira escola implantada dentro do território Xakriabá. Então, com relação à cultura dentro da sala de aula, foi um ganho muito importante. A gente percebia o anseio da comunidade com relação à cultura. Acontecia, por exemplo, dias importantes que eram principalmente na comemoração da Semana dos povos indígenas, a gente não tinha essa comemoração, a gente era obrigada a comemorar, por exemplo, dia 7 de setembro as outras datas que vêm aí, as datas específicas que a gente não tinha nem conhecimento, a gente era obrigada a comemorar, vestir de soldados, essa questão toda.

E, de uma certa forma, nós estávamos matando a nossa cultura porque os professores não índios, e a partir da implantação da escola indígena, a gente percebeu o quanto a nos avançamos na nossa cultura que estava um pouco adormecida e que a gente percebeu também a questão do receio pela questão da perseguição, a gente percebeu que as pessoas, por exemplo, praticavam, mas praticavam num local onde eles pudessem tudo ser ali reservado, escondido, tanto é que hoje a gente tem a cultura sagrada, que ela não é apresentada por todos e nem representada por todos, tem as pessoas que nos protegem com relação a tudo isso e aquilo que a gente pôde trazer de melhor para o nosso povo dentro da escola.

A gente foi buscando, inclusive tem uma pessoa que eu não vou deixar de citar, uma pessoa que foi pioneiro em busca, em resgate da pintura, em busca dos costumes tradicionais que também as pessoas da comunidade que sabiam, que entendiam, também ajudou muito. Não deixe de citar que também a Tia Anália , porque na época ela era pajé povo Xakriabá, ela contribuía naquilo que ela podia, porque tem coisa que é sagrada, não pode assim ser divulgada. E a partir daí também a gente começou a trabalhar, principalmente os nossos costumes, a tradição do lugar também, a questão da pintura também, ela foi muito visível dentro do território.

A partir dessa relação da implantação da escola indígena, a gente também começou a nos organizar e praticar também a pintura, é porque a gente também tem a nossa forma de pintar, a nossa nova forma de expressar culturalmente. E que tem pintura que não pode ser feita a todo o tempo. Até então também, quando a gente estudava na escola tradicional, a gente também não usava a pintura. O pessoal pintava talvez com corona , que é uma árvore típica da beira do riacho, uma árvore que dava uma tinta azul muito bonita. E também tinha um toa um tipo de

terra que tem no território xkriaba. Esse pessoal pintava quando iam nos manifestos ou que também iam no dia de rezada, as pessoas pintavam a bolinha no rosto, que era conhecido como olho de arara era muito interessante essa questão da pintura para nós.

E eu me lembro que tinha as meninas que frequentavam muitas questões religiosas por parte do que foi imposto pelos jesuítas também. Eu me lembro que elas estavam e ali rezavam as rezas de costume. Através da implantação da escola indígena, a gente também pôde trabalhar as formas de pintura, o reconhecimento mesmo por todo o povo Xakriabá, também através da implantação da escola. Então, tivemos muitos avanços com relação a tudo isso e a gente pensava também na questão da publicação de alguns materiais, também pra gente foi bastante importante também, culturalmente. A gente também pôde registrar também as formas de nos organizar, a forma de buscar a natureza também passou a conhecer melhor a natureza, passou a respeitar e essa relação de escola e natureza, a gente percebeu que a gente convivia, a gente precisa desse respeito também, um momento que a gente precisa também relacionar essa questão.

A outra questão também foi bem importante também a cultura, o nosso povo luto, que trouxe bastante, a gente tinha esse luto, mas a gente não entendia também qual o motivo do luto que a gente estava aguardando ali para não praticar a nossa cultura. Eu falo a cultura, essa cultura que a gente vem trazendo, os cantos, do povo Xakriabá, e a partir daí também a gente contou com várias produções também de música na cultura, algumas relacionadas à especificidade de parte da língua akwe, conseguimos resgatar algumas palavras através da implantação da escola indígena, as pessoas falavam isoladamente, aí a gente começou a juntar também e pesquisar com os mais velhos também a questão das falas, da manifestação da língua Xakriabá em alguns mais velhos também.

Isso para a gente também foi um momento muito importante, que a gente viu que com relação à implantação da escola específica diferenciada dentro do território. A gente pode também ver que hoje tem muitos trabalhos com relação ao nosso idioma, a língua akwe a gente fica muito feliz que foi fruto também da implantação da escola indígena. Hoje também a gente já conta com vários grupos culturais formados dentro do território, praticamente cada aldeia tem seu grupo cultural e que a gente trabalha esse grupo cultural. Em união com a escola a gente trabalha esse grupo cultural dentro do território também e pra gente isso foi muito importante, a criação da escola específica diferenciada onde nos crescemos não só pode viver, mas também é praticar a nossa cultura e buscar também para que ela não acabe.

E aí também a gente percebeu a questão desses trabalhos só vem nos enriquecer, eu fico imaginando assim o tanto ter conseguido já ter, bonito, lindo, que traz toda a questão da trajetória da escola específica, diferenciada, e dentro dessa escola específica, diferenciada, hoje a gente já conseguiu também abrir um leque dentro dela, desde começando pelos alunos que a gente pegou lá desde o primeiro ano da alfabetização, até o médio, a gente já tem muitos desses alunos que hoje estudaram a nossa escola.

Inclusive nós já temos alunos que estão aí nas universidades, nos cursos hoje de medicina, enfermagem, psicologia, odontologia, jornalista, deputado federal, prefeito, vereador, agente de saneamento básico, contabilidade, bio medicina, especialista de educação, serviço social, técnico de informática, técnico de meio ambiente, brigadista, fisioterapia, médico veterinário, engenharia civil, serviços gerais, professores, diretores, supervisores, secretários essas profissões foi conquistado através da educação indígena diferenciada, assim, todos os cursos que abrange a área da educação e da saúde, a gente já tem várias pessoas formadas dentro do território como agente sente feliz por tantas conquistas mas não paramos por aqui ainda estamos na luta por mais objetivos para nosso povo xakriaba.

A questão da escola específica e diferenciada, que eles abriam nessa questão Do nosso povo e de que também, de ser igual a todos também que pra nós foi um ponto bem importante, desde o ano de 1996 ate hoje ano de 2024 deu avanço que nós tivemos com relação a tudo isso, já

saiu para as pessoas da comunidade, vereadores, prefeitos, mas pra nós também foi um ganho específico da escola indígena. Também a gente tinha sofrido muito com repressão das autoridades, porque nós também não avançar em todas as áreas de conhecimento e tudo aquilo que é melhoria para o nosso povo. Então a gente tem essa capacidade também de avançar com tudo isso, porque hoje nós já temos deputada dentro o território Xakriabá, deputada federal, então pra gente é um ganho muito grande que a escola indígena só proporcionou esse bem para o povo indígena.

Apesar da gente ter muita questão das dificuldades, mas a gente também tem uns avanços, né? A dificuldade que a gente tem hoje é com as outras leis, que realmente não entendem ainda a especificidade de cada escola indígena tanto é que a gente está lutando também para essa categoria escolar indígena que seja aprovada do nosso jeito, do nosso modo de viver da nossa forma de organizar mas que até hoje eles não entendem. Está aprovada no papel, mas na lei, na constituição ela não está aprovada a gente sofre muito com relação a tudo isso, mas é um pouco da história da escola específica diferenciada no território xakriaba. Então, que hoje observamos essa mudança de 1997 até 2024, a gente percebeu que essa mudança ela veio através dessa primeira implantação da escola específica diferenciada dentro do nosso território, eu percebi que para aqueles que não acreditavam da diferença entre o professor indígena e o professor não indígena, hoje a gente percebe que a gente se encontra com os alunos que foram de 1997 até agora, a gente só tem um ganho quanto faz na educação.

Como faz na saúde, como faz na luta pelo território, a gente só tem um ganho, tanto é que a gente já tem o grupo da juventude, já criou a barca, esse grupo da juventude ele foi formado a partir dos estudos dentro do território, onde que hoje a gente conta com 80% da juventude que está engajada aí na luta, defendendo os direitos, buscando os direitos, pela demarcação do nosso território, então isso foi fruto de toda a implantação da escola específica diferenciada, se a gente for parar na linha do tempo, para pensar o quanto tem avançado a escola Xakriabá dentro desses 27 anos, a gente percebe que avançou bastante, e hoje a gente percebe, então tudo o que a gente lutou, tudo aquilo que a gente almejou foi fruto de luta para que hoje nós tivéssemos os nossos avanços, com uma boa visão do que é a escola diferenciada.

O que é a luta? O que é a cultura? É aquele que defende o território, o que conhece a organização interna. Então, tudo isso é um fruto de luta que a gente buscou durante esses 27 anos, muitas luta mas também tem algumas conquistas mais ainda queremos conquistar mais no nosso território indígena Xakriabá.

José Nunes de Oliveira



O último entrevistado, José Nunes de Oliveira, de 48 anos, morador da aldeia Brejo Mata fome, que atuou na educação como professor desde o ano de 1996 até o ano de 1998. Como professor, logo em seguida foi indicado pela organização interna para atuar como diretor da primeira escola dentro do território indígena de Xacriabá, onde ele relata que encontrou inúmeras dificuldades, trabalhava sozinho, não tinha direito a vice-diretores e tinha que dar conta de atender às demandas do nosso povo. No ano de 2004, ele se afastou da educação para concorrer às eleições municipais de São João das Missões, por indicações de cacique e liderança, onde o mesmo administrou desde 2004 até 2020, realizou um bom desempenho, trazendo melhorias para o nosso povo. Atualmente, ele se encontra afastado da educação escolar indígena (Entrevista realizada dia 04.03.2024, arquivo pessoal do entrevistado, fevereiro, 2002).

A escolha dos professores na época, pra formação. Foi a primeira turma, na época, que não foi uma turma tão grande. Eu, assim, já entrei, já fui um dos últimos a ser colocado, como candidato a professor, porque eu, na época, eu tava até em Montes Claros quando eu cheguei aqui, o pessoal já tava fazendo o processo de escolha, né, aí, aí foi quando eu entrei também, na época, até entrei pra dar aula na Santa Cruz, apesar de ser aqui do Brejo Mata Fome mas pra dar aula lá eu entrei e aí a gente foi indicado a maioria desses, professores, ou quase todos, na verdade. Uma comunidade onde, quer dizer, onde demandava, a gente sabe que já tinha alguns professores que já vinha dando aula, que já trabalhava há algum tempo, igual Creuza, Dona Anís, Joana, que tinha mais alguém, mas eram poucos professores que já vinha dando aula há algum tempo aqui no território, mas assim não com uma escola indígena era escola normal, mas aí quando surgiu essa possibilidade da implantação da escola indígena, elas também foram participar do curso uns 40, que foi daqui, e teve essa primeira indicação. E o curso acontecia lá no Parque do Rio Doce, que era o lugar onde eles escolheram pra fazer esse curso. Ela acontecia por módulo? Um mês a cada seis, né? Duas vezes por ano. E a gente deslocava daqui pra lá e ficava lá um mês e pouco e depois a gente parava pra cá. Era uma parceria que eu me lembro na época da FUNAI, da Secretaria de Educação e do IEF, né? Que é o IEF que cedeu espaço lá no Parque do Rio Doce pra que aconteçam tudo. Eu me lembro que na época até tinha alguns professores que o IEF né? Os engenheiros ambientais que falavam que dava aula sobre meio ambiente, sobre preservação. Que logo depois, né? O UFMG, junto com e parceira também. Na verdade foi muito, pra gente apesar de ser, bem difícil, né? Porque era, era tudo praticamente

começando do zero, né? A escola indígena aqui em Minas, ela quase foi pioneira, não foi pioneira, porque acho que já acontecia já em algum estado da região amazônica, já acontecia, já tinha iniciado a educação indígena, né? Nossa, então mas já tinha essa, já tava discutindo, trabalhando com as características, mas aqui Minas foi, na verdade essa escola indígena foi pioneira, a gente também foi pioneira enquanto turma, né? Primeira aqui, a gente sabe que hoje já tem, várias turmas formada e outras se formando.

No ano de 1997, a gente realmente começou a escola, na maioria das comunidades. A gente trabalhava debaixo da árvore, eu não tinha escola, a maioria começou trabalhando, criou uma escolinha ali, na comunidade, e dava aula debaixo da árvore, às vezes não tinha nem um parque pra escrever, não tinha cadeira não tinha infraestrutura nenhuma, na verdade. Foi muito precário, muito difícil pra começar. Eu me lembro que no início de 1997 houve uma reivindicação, porque eu não sabia direito quem ia assumir a escola, se era o Estado, se era a União ou se era o município, então teve muita dificuldade. Na época que, no início dos 1997, a gente tinha que assumir a escola, e quem ia contratar, teve essa demanda grande, e na época a gente ia ser um novo município. Nenhum município não queria fazer essas comprovações e dizendo que a gente não era formado, que a escola não ia andar na época, que os apresentasse do município na época, o próprio prefeito da época, mas a gente encarou um embate danado. Quando a gente posicionou que a gente queria assumir a escola e que o município tinha que contratar, na época a gente tinha também alguns professores que estavam em formação que eram até menor de idade e teve que buscar também essa questão de legalidade, se podia contratar menor. Tudo isso foi difícil, mas a gente com muita luta, a gente conseguiu esse primeiro contrato em 1997, até o Estado deu a autorização para que o município contratasse esses menores também. Tava em início de formação, mas não tinha outras pessoas pra assumir. Aí foi quando a gente assumiu de fato a escola, em 1997 a gente já assumiu algumas responsabilidades, mas assumimos mesmo em 1997. Aí o município contratou até parte do meio do ano, acho que no julho por aí. Foi o julho pro início de agosto. E daí pra frente foi uma portaria. E aí o Estado de Minas Gerais, a Secretaria de Estado de Educação, assumiu a educação, as contratações. Foi quando a gente transferiu do município pro Estado, as responsabilidades. Então aí o Estado assumiu as contratações. E aí tinha toda uma mobilização que tinha que ser feita. E a gente também tava em formação, além da gente assumir essa responsabilidade. Como professor, a gente também assumia a responsabilidade de correr atrás de estruturar as escolas nas comunidades, porque não tinha sequer as construções, que era básico, mas ainda assim a gente assumiu, mesmo com essa dificuldade. Eu lembro que a gente assumiu essa escola, então foi criada, e só em 98, foi que a gente teve essa parte de 1997 para 1998, foi estruturando, a criação de escolas, onde quer iria funcionar, e que as aldeias, quer dizer, na maioria, não em todas as aldeias estavam funcionando.

Porque também a gente não tinha professores suficientes, embora tinha demanda e nem infraestrutura. Ainda se a gente assumir muitas comunidades que trabalham aqui em Barca, então em 1998 foi que a gente estruturou a escola aqui, que criou a escola, oficializou a Escola Bukimujú, foi a primeira criada aqui no território. Tinha algumas municipais, como eu disse, que funcionavam, mas não me fez escola indígena, mas essa foi a primeira escola indígena criada aqui, foi a Bukimujú, que assumiu a responsabilidade de toda escola do território xakriabá. Então, sim, parece que foi em abril de 1998 que eu assumi como diretor da escola. Se quer a gente tinha direito a visto diretor, mas não tinha. E a gente não tinha também sequer um lugar de estruturar para organizar a documentação da escola. A gente começou a funcionar, funcionou por muito tempo ali na sala do hospital aqui do Brejo mata fome. A gente conseguiu um sala no hospital arrumava para a gente lá onde botava o computador, uma arquivos da escola e lá começou a funcionar essa parte de documental da escola, na época o estado contratou duas servidores que tomavam conta dessa questão da documentação. E na época fui indicado

como diretor também, bem difícil, como eu disse, estrutura nenhuma aqui dentro. Às vezes, por exemplo, aqui até o Peruaçu que a gente assumiu. A gente no Peruaçu por exemplo, vê a escola lá, sai daqui para ir visitar, a gente tinha que ir para dormir lá, tinha que acabar que nem um tarde tinha, a gente saiu daqui e ia lá. Mas aí saía daqui ao cavalo, né? Aí ia de manhã, muito bem, chegava lá de tarde ou de noite, dormia lá no outro dia, que a gente usou de alguma coisa que voltava, então era tudo muito difícil. Eu lembro também que na época, até pra gente pegar a merenda na estrada, era muito precário, porque as estradas é bem difícil, né? Às vezes arrumava o caminhão pra levar a merenda, a gente solicitava, mas eu me lembro que a gente tinha muita dificuldade de chegar em muitas comunidades, que era muito buraco, muita areia na estrada, o caminhão atolado, então era toda essa dificuldade. A gente não tinha infraestrutura, como eu disse, não tinha prédio escolar, de batalha, na maioria delas, era pouquíssimo as aldeias que tinham prédio, então era muito difícil, né? Quase todos nós também, como professores, a gente era professor em formação, então pra gente também, a gente estava num momento de experiência. De ir assumir muita responsabilidade, de assumir a escola indígena, sempre quando a gente falava de criar a escola indígena, que é criar uma escola indígena para que ela funcionasse melhor do que já havia funcionado. Então sim, a gente percebe que desde lá que sempre.

Da responsabilidade nossa também sempre foi maior, no sentido de melhorar a questão da educação. Então, para a gente foi bem difícil, apesar da maior turma também ser todo mundo muito novo, mas a gente encarou, a gente teve algumas dificuldades também, a princípio até de aceitação, porque as pessoas também não conheciam, não sabiam como é que a gente ia lidar com esse trabalho, se ia dar conta, se não ia, então foi tudo muito experimental para nós, a gente tinha que fazer de tudo para que as pessoas também, para que os pais também acreditassem no trabalho da gente, embora muitos já apostavam muito, mas alguns desconfiaram, se os meninos vão dar conta, mas assim, com o tempo a gente conseguiu superar isso. E todo mundo sabe que a educação é uma construção, né? É difícil, não é fácil, não é nem da colonização que desde o início, da civilização que discute a educação, então tá até o ele aí tão discutindo, tanto é que não tem uma receita de boa pra educação, né? Isso é uma construção do dia a dia e eu acho que vai continuar sendo assim, né? Embora a sede da busca pela melhor educação, ela sempre tá aí, né? E sempre tem demanda, sempre tem que melhorar, a gente sabe que a responsabilidade do professor não é qualquer responsabilidade, o professor tem que estar sempre atualizando, estudando muito, estudando sempre, né? E principalmente quando a gente volta pra discutir a educação. A questão da história indígena, que é onde discutir, isso também é tudo muito novo, só a partir de 96, que saiu aquela, 96, 98 era o DB, que discute esses parâmetros da questão da educação indígena, começa de fato a discutir isso, botar no papel, então é muito novo, se você for comparar com a escola tradicional, e como eu disse, desde a época da colonização aqui no Brasil, essa questão da educação escolar, então para nós foi um desafio, pareçam para vocês que estão aí na ativa hoje, para todos que estão, vai ser sempre um desafio, mas eu vejo que hoje já deu um. Um passo grande, porque se a gente for comparar hoje lá com 96, 97, a gente vê que progrediu bastante nesse sentido, no sentido de ter infraestrutura, de ter prédios construídos, pelo menos o mínimo de dignidade que tem que ter para aluno, no espaço.

Com mais professores, professores e formação, eu acredito também que com mais experiência de lidar com a questão da Escola Unida, esse ganhou uma proporção também maior do próprio governo, veio isso com mais, com bons olhos, vamos dizer assim, a partir de tantas dificuldades que nós tivemos, que a gente apresentou pro governo, acredito que muitas delas já superou, mas ainda tem muita coisa pra superar ainda. Então assim, hoje eu percebo que tem várias escolas, na época a gente tinha só uma, hoje tem nove, dez ou mais escolas aqui no território. Então, com diretor, em cada escola dessa tem um diretor, vice-diretores, secretários, então assim, a estrutura, ela. Ela melhorou nesse sentido, e quando tem mais estrutura, algumas coisas

acontecem com um pouco mais de facilidade, embora também não quer dizer que ficou fácil, porque o desafio da educação continua, mas eu percebo que de lá para cá, isso modificou no sentido, no bom sentido. Você vê que hoje também a gente dava aula para os anos iniciais, primeira, quarta e séria, depois vinte, quinta e oitava, isso foi ampliando, hoje tem ensino médio, e a gente percebe que muitas pessoas aqui também já estão tendo outros acessos às universidades, não só os professores, já formaram, tem formação, vão vir a ser formados, mas também. Também abriu um leque também para outras áreas, né? Para a área da saúde, da área social, né? Para as várias áreas da educação, acho que esse negócio se ampliou, acho que hoje o Xakriabá tem outra, vamos dizer assim, uma outra estrutura de educação hoje, né? E isso me despertou muito também. A curiosidade, acho que o sonho também das pessoas de pensar que dá para sonhar e que dá para fazer as coisas acontecer, né? Então, assim, o aqui tá nunca muito certo, né? Embora, como eu sempre falo, a gente sabe que a educação não é sempre de boa, sempre ela vai ter que inovar, sempre vai ter dificuldades novas, mas é isso mesmo, uma pessoa já, quando você encara essa missão, que eu disse, já tem, já tem. A gente tem certeza que você vai ter um desafio aí para a vida, né, mesmo que um dia, assim, alguém vai para outra área, às vezes não está na educação, como eu, por exemplo, não estou na educação hoje, mas a gente teve na educação isso, nunca vai sair da gente. A gente sabe que a educação também deu para a gente vários norteamentos, né, para discutir várias coisas aqui, não só relacionado à educação. Eu acho que a educação é a base de tudo e de muitas coisas que a gente hoje.

Discutir isso, e a educação é diferenciada, a gente começou a voltar muito pra essa questão do próprio respeito, com nossos próprios valores, que às vezes a escola, a escola tradicional de antes, não ensinava isso pros alunos, o conhecimento que chegava era muito difícil às vezes da realidade do povo, que não dava tanta apreço humano pra cultura do povo, pros valores, embora a gente já também sabia que o objetivo da educação de antes era na verdade é mesmo a realidade das pessoas, e se tornar, talvez a gente vai querer igualar todas as pessoas no sentido de desprezar p, inclusive os poderes. Os indígenas. O objetivo dos governos era que se desaparecessem as comunidades indígenas. Eles tinham até dado para isso, até tal ano, e os indígenas vão onde precisar mais. Graças às lutas dos lideranças e às certas pessoas que sempre discutiram, é que não deixou isso apanhar, inclusive a educação é uma das responsáveis. Mas eu acho que hoje tem outra visão, tem um outro sentido. A gente percebe que os povos, que as comunidades indígenas estão ressurgindo. Até os povos indígenas que não se identificavam mais, enquanto estavam, hoje estão ressurgindo. Enquanto estão, enquanto o povo indígena, enquanto os brasileiros nascem, o próprio governo está melhor feito, já tem outra visão. As próprias comunidades em Rio, elas hoje, elas estão mais conscientes. Conscientes sempre foi, não tiveram aquela oportunidade. Mas eles estão mais atentos à questão do direito de cobrar.

O final do Rodrigo Eu acho que foi mais por liderança na época Eu não sei como foi o envolvimento Porque eu nem participei no processo Seletivo Mas 1996 já começou o curso Essa escolha foi feita em 1995 Porque 1996 no início do ano já começou Em janeiro.

Por exemplo, na época eu já era diretor, eu já participei de alguns processos de seleção, de, por exemplo, de outro assunto, porque foi surgindo a demanda nova, por exemplo. A gente não tava dando conta de assumir todas as turmas, todas as comunidades, nesse início também não tinha escola em cada comunidade, tinha em várias comunidades, mas não tinha em todas, quando criou em várias, mas não deu conta de estender pra todas, e mesmo nessas que criava, ainda os professores eram muito poucos, então aí surgiu a, eu não tô lembrando um ano que veio a segunda turma, mas a gente participou, a gente teve que ter um processo seletivo grande, aí a participação da comunidade foi maior, que eu percebi, na outra eu não participei, eu acredito que foi liderança, os caras sim, que participação de pessoas também das comunidades, num processo da primeira turma, mas no segundo foi ainda maior, porque existia muito esperança.

Tinha comunidade que a gente ia escolher dois, três professores numa comunidade, mas tinha 100 candidatos, tinha 70, 50 então tinha que ter um processo seletivo então assim, um processo seletivo e votação, então a comunidade envolvia todo mundo aí vinha o pessoal da coordenação do curso, do FIEI e a gente ia acompanhar cada comunidade tinha um processo que era bem difícil de fazer, mas a comunidade envolvia todo mundo e ficava mais fácil.

É da candidata, das comunidades na área natural, e depois foi surgindo nas outras turmas também, e as vezes o processo também as vezes vai modificar na medida do tempo que vai passando, a gente sabe que depois teve outros que já iam atravessar porque estava na sala de aula já trabalhando, dando aula, quando surgia vaga no discurso, a gente já ia pra... então assim, o processo também foi modificado durante os anos, né?

Na princípio eu dava aula, né? 96 por ano que começou o curso nosso, a gente começou a estagiar aqui no brejo mata fome aí em 97 eu já tava como professor mesmo, eu e o Zé Rino, a gente trabalhava lá na samba de coisa, trabalhava de manhã e eu de tarde ele ia de manhã pra lá, ele tava voltando e eu tava indo, aí a gente ficou lá um ano, aí depois, em 97 todo ano a gente ficou lá aí quando foi em 98, a gente voltou pra cá, aí a gente foi trabalhar com jovens e adultos aqui no brejo mata fome, que era o nosso irmão da grande mesmo e aqui também ficava mais perto, aí surgiram as pessoas de lá também que assumiam lá, que foi introduzindo no curso durante o processo a gente voltou pra cá, o carro foi longe pra cá, aí quando foi eu, aí quando foi em 90, a gente voltou pra cá. Em abril de 1998 eu assumi a direção, então eu dei aula oficialmente no ano de 97 e parte de 98 No 96 a gente estava como estagiado, embora eu assumia aqui uns 6 meses de sala de aula O que jure eu dava aula aqui pela Conaia, ela saiu e fiquei segurando em uns 6 meses A sala de aula saiu aí também Então assim, eu dei aula mesmo, foi uma faixa de quase dois anos, depois eu assumi e fiquei mais na direção Aí eu assumi a direção em 98, de 98 eu fiquei até 2004 Fiquei de 98, de abril de 98 até 2004, eu não me lembro o mês porque em 2004 eu afastei para política de prefeitura, aí eu devo ter afastado que foi, no mês. De de abril, maio que foi no mês de junho e por aí, julho, uns 3 meses antes da campanha. Então assim, eu fiquei esse tempo de 1998a 2004 na direção, então foram esses anos que eu fiquei. E aí quando eu saí, né, foi que o Zé Reis entrou, então o Zé Reis entrou como diretor em 2004. Muitas pessoas falaram se você não ganhar você volta pra sala de aula.

E aí, se você não ganhar, eu volto pra outra sala de aula, porque eu já tinha ficado muito tempo na direção.

Vocês estão estudando, atualizado , em curso . Aí imagina, por exemplo, eu fiquei afastado da escola, por exemplo, onde assim, já tem mais de 20 anos, aí você volta na aula e você fala, é bem complicado, não até alguns que votam assim, mas eu acho que não estou capacitado temos que estar bem capacitado. Você teria que ser recapacitado para o dia da aula, porque é, por exemplo, quem vem dando aula sabe que tá atualizado, né? Você não tem mais nem jeito de dar aula, não e melhor não voltar.

Um ano, também aqui no 96 aqui no prédio, eu assumi como estagiado, depois fiquei 6 meses com um turma aí também que era muito seriado, mas não é fácil não, porque a experiência foi, pra mim foi interessante, mas assim, aí quando foi em 98 que eu assumi a turma de jovens e adultos que eu gostei mais, do que de primeira a quarta série não segura muito, mesmo vai saindo, mas foi bom pra mim, eu gostei da experiência também de professor ou diretor? Diretor na verdade, eu acho que eu gostei mais, eu fiquei mais tempo, mas sim, a diferença da sala de aula é boa, mas sim, eu gostei mais de ser diretor cada função uma experiência diferente. É porque o pessoal já tem mais a disposição, a gente já escuta mais, então eu não sei hoje, porque o tempo muda demais, é claro que na época lá tudo era mais calmo hoje as coisas estão mais

moderna com os avanços tá bem melhor mas ainda precisa melhorar mais né porque a educação escolar ela não vem pronto está sempre atualizando.